

**AS MARCAS DO DISCURSO POLÍTICO DE LULA NO
DOCUMENTÁRIO *ENTREATOS* SOB A PERSPECTIVA DA
ANÁLISE DO DISCURSO**

LÍVIA FERREIRA MONTEIRO

**UNIVERSIDADE ESTADUAL NORTE FLUMINENSE
DARCY RIBEIRO – UENF
Campos dos Goytacazes/RJ
Junho de 2012**

LÍVIA FERREIRA MONTEIRO

**AS MARCAS DO DISCURSO POLÍTICO DE LULA NO
DOCUMENTÁRIO *ENTREATOS* SOB A PERSPECTIVA DA
ANÁLISE DO DISCURSO**

Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem do Centro de Ciências do Homem da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Cognição e Linguagem.

Orientador: Prof. Sérgio Arruda de Moura

**Campos dos Goytacazes/RJ
Junho de 2012**

AS MARCAS DO DISCURSO POLÍTICO DE LULA NO DOCUMENTÁRIO
ENTREATOS SOB A PERSPECTIVA DA ANÁLISE DO DISCURSO

Trabalho examinado em: ___/___/___

Prof. Dr. Sérgio Arruda de Moura (Orientador) – UENF, Doutor,
Literatura Comparada

Prof^a. Dr^a. Eliana Crispim França Luquetti – UENF (Doutora,
Linguística)

Prof^a. Dr^a. Vânia Cristina Alexandrino Bernardo – IFF – Campos dos
Goytacazes (Doutora, Literatura Comparada)

Prof. Carlos Henrique Medeiros de Souza (Doutor em Comunicação)
– UENF

Campos dos Goytacazes/RJ

Junho de 2012

*Dedico aos meus pais e irmãos,
tesouro sempre presente nas
minhas escolhas e em especial
a Felipe Fernandes,
meu maior incentivador.*

Agradecimentos

A Deus sem O qual nada seria possível.

Aos meus pais Valmir e Maria da Conceição, pela preocupação, amor e apoio incondicional, que me dão força para ir ao encontro de novos desafios.

À Raffaella e ao Júnior, meus irmãos que estiveram comigo todos os dias me apoiando e dividindo todos os momentos tristes e alegres.

Ao meu Felipe Fernandes, pelo companheirismo, paciência, amor e pelas palavras de motivação e encorajamento quando nem mesmo eu acreditava.

À prof^a. Sílvia Lúcia, pelo apoio e presteza em me receber em sua casa sempre que eu precisava.

Ao professor Sérgio Arruda, por me receber para orientação neste trabalho, pela paciência, e pelas contribuições neste processo que conduz nossos trabalhos.

A todos os professores do mestrado em Cognição e Linguagem, por tudo que me ensinaram.

Sem vocês, pessoas mais que especiais, nada teria sido possível.

Obrigada.

Sumário

I. INTRODUÇÃO	11
1.1 – Problema	15
1.2 – Objetivo geral	15
1.2.1 – Objetivos específicos	16
1.3 – Hipóteses	16
1.4 – Metodologia	16
1.5 – O documentário	18
II – Considerações sobre a Análise do Discurso	20
2.1 – Breve contexto histórico.....	22
2.2 – A heterogeneidade enunciativa	26
2.2.1 - Memória e polifonia	26
2.3 – Importantes constituições	28
2.3.1 – Michel Pêcheux	28
2.3.2 – Michel Foucault	30
2.3.3 – Patrick Charaudeau	31
2.3.4 – Dominique Maingueneau	33
2.4 – Teoria Semiolinguística em Charaudeau	33

III – Discurso Político	37
3.1 – O discurso	37
3.2 – O discurso político	39
3.3 – A ideologia no discurso político	43
3.4 – “Brasil: um país de todos” e a Teoria Semiolinguística.....	44
3.5 – Estratégia de fiação do discurso e construção da imagem de Lula	48
3.6 – Ethos e corporalidade	54
IV – Análise do Discurso de Lula	59
4.1 – O documentário como gênero enunciativo	59
4.2 – A trajetória de Luis Inácio Lula da Silva	62
4.3 – As Variantes Linguísticas no Discurso de Lula.....	68
4.4 – <i>Entreatos</i> : o discurso político nos bastidores de uma campanha vencedora	72
4.5 – A caracterização das noções e conceitos de discurso político de Charaudeau (2008) no discurso de Lula	77
V – Considerações Finais	81
VI – Referências	85

VII – Anexos	89
7.1 Ficha técnica do documentário em questão.....	89
7.2 Descrição das cenas	90

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo abordar o discurso político enfocando suas propriedades e suas estratégias de validação a partir da figura do sujeito que o enuncia. Ao constituir a amostra, foram selecionadas algumas passagens dos pronunciamentos do então candidato a presidente Lula no documentário *Entreatos* (2004), de João Moreira Salles, por entender nele estratégias de fiação sustentadas num contexto de enunciação em que o sujeito se projeta intencionalmente e conduz os modos de interpretação e constituição dos sentidos. Foram utilizadas, também, passagens da revista *Veja*, edição retrospectiva de 2010, que, ao fazer um balanço do seu governo, reforça todos os termos de sua oposição à candidatura e, posteriormente ao governo Lula. Foi focado nesse sentido, o *ethos* e o fiador do discurso, dois conceitos-chaves na teoria de Maingueneau (2008). Procuramos caracterizar o então candidato a presidente como principal fiador de seu discurso, e o *ethos* como construído pela presença corpórea do próprio então candidato a presidente. Pretendemos caracterizar politicamente o seu discurso como polêmico, e criticado pela extrema informalidade com que é proferido. Mesmo os que criticam o discurso de Lula, não há quem negue seu poder de comunicação. Isso nos permite compreender que há uma intenção no seu método de discursar. Espera-se que esse trabalho promova a compreensão de como o então candidato a presidente se projeta nacional e internacionalmente, não propriamente pelas ações e conquistas de seu governo, mas pelas marcas ideológicas que construiu pelo discurso.

Palavras-Chave. discurso político, fiador, sujeito, ethos

Abstract

This search aims at the approach of the political discourse focusing on their properties and validation strategies from the figure of the subject that pronounces it. By creating a *corpus*, we decided to select some passages from the speeches of former President Lula in the documentary *Entreatos* (2004), by João Moreira Salles, because we see in it strategies sustained in a context of utterance in which the subject intentionally projects and leads the ways of interpretation and constitution of senses. We also use passages from the magazine *Veja*, retrospective edition of 2010, that by taking into account his figure, reinforces all the terms of its opposition to his candidacy and later to its government. We focus in this sense the *ethos* and the guarantor of the speech, two key concepts in the theory of Maingueneau (2008). We also aim at the characterization of the former president as the main guarantor of his speech, and the *ethos* as constructed by the presence of the former president himself. We intend to characterize his speech as politically controversial and criticized by the extreme informality in which it is proffered. We expect with this work to understand how the former president is nationally and internationally projected, not exactly by the actions and achievements of his government, but because of the ideological signals built by discoursing.

Keywords. *political discourse, guarantor, subject, ethos.*

I INTRODUÇÃO

Luis Inácio Lula da Silva não foi um candidato a presidência como outro qualquer. Diferente dos demais, Lula sempre chamou atenção não pelas propostas, mas pelo seu discurso. A escolha deste tema se deve à rejeição pelo falar do então candidato a presidente que sofre censura dos meios de comunicação (como, por exemplo, a revista *Veja* 2010) e é objeto de gracejos construídos a partir do inusitado (operário presidente). Foram utilizados trechos da revista *Veja* como contraponto do comentário e, por sua vez, constitui o *corpus* e por representar a oposição à candidatura e, posteriormente, ao governo de Lula.

Entende-se que foi a partir do seu discurso que ele conseguiu popularidade e aceitação de 87% em relação ao total de 2.002 entrevistados em 140 municípios de todas as regiões do país, segundo pesquisa do IBGE (GLOBO.COM, 2012). Lula chegou a vencer duas eleições, apesar de não possuir um nível de escolaridade elevada e muito menos com a formação para ocupação de um cargo de presidente da república. Isso mostra que sua fala tanto quanto sua figura e a trajetória que encenou desde quando ninguém era sindicalista em plena ditadura militar no Brasil são artifícios que o mantiveram com alta popularidade.

O discurso do então candidato a presidente Lula é polêmico dentro e fora do Brasil, e não há como ignorar um político que, mesmo diante de tantas críticas e polêmicas, conseguiu se manter popular perante um eleitorado tão heterogêneo. Entre o discurso de Lula que se expressa em uma variante linguística coloquial peculiar, parece que há um aperfeiçoamento na forma de se comunicar que tem base no discurso político.

Lula se expressa através da variante não formal da língua, o que contraria o esperado pelo discurso político. Uma língua nunca é falada de maneira uniforme pelos seus usuários. Ela está sujeita a muitas variações. Cada uma das variantes pode ser falada com mais cuidado e vigilância (informal menos cuidada e despojada). Dessa maneira, fala bem aquele que se mostra capaz de escolher a variante adequada a cada situação e consegue o máximo de eficácia da variante escolhida. Quando se fala das variantes, é

preciso não perder de vista que a língua é um código de comunicação e há um fato com repercussões sociais. Há muitas formas de dizer de modo a não perturbar a comunicação, mas afetando a imagem social do falante. Valendo-se dos pressupostos da Análise do Discurso que se buscou desvendar o que há por trás de um discurso que consegue render ao então candidato a presidente tamanha popularidade.

Caracterizou-se o discurso do então candidato a presidente fazendo-se considerações sobre a construção e manifestação do sujeito político, no documentário citado, pinçadas da proposta de Análise do Discurso em Patrick Charaudeau (2008b) que aborda o espaço de persuasão do discurso político através do poder comunicativo jogando com argumentos que envolvem a razão e a paixão tentando persuadir os cidadãos a aderirem à ação e em Dominique Maingueneau (2008a) analisando a construção do *ethos* e o fiador no discurso como aquele que, através de estratégias de validação, legitima e proporciona credibilidade por meio do discurso.

Mesmo os que criticam o discurso do então candidato a presidente, como a revista *Veja*, utilizada nessa pesquisa, confirmam o poder de comunicação de Lula. Acredita-se que há uma intenção no seu método de discursar, pois é certo que ele consegue se fazer entendido por qualquer pessoa de qualquer classe social. Hoje, até mesmo o mais comum dos eleitores tem uma crítica formulada ao “falar difícil” das classes de político especialmente em campanha.

Na construção de cada parte da pesquisa e de seus subitens, buscou-se apresentar informações de forma sequencial a fim de promover uma melhor compreensão e elaboração dos tópicos discutidos.

A segunda parte da pesquisa faz-se indispensável, pois neles foram apresentados os pressupostos da Análise do Discurso, disciplina-base desta pesquisa. O termo “Análise do Discurso” refere-se a um campo de estudo que se aperfeiçoou a partir de trabalhos do Linguista americano Zellig Sabbetai Harris, na França nos anos 1960-1970. Esta disciplina nos ensina que, no discurso, deve-se levar em conta a língua situada em um espaço-tempo. A Análise do Discurso representa os enunciados a analisar os *corpora* de acordo com sua heterogeneidade linguística, histórica, política e filosófica. Ela leva em conta heranças filológicas, na qual o discurso se originou, fazendo

de todo enunciado um conjunto semântico singular. Por isso, desenvolvemos o subitem “contexto histórico” para mostrar o desenvolvimento da disciplina a partir da Filologia e do Estruturalismo.

Em seguida, foi desenvolvida uma breve apresentação de autores que contribuíram de forma direta para a Análise do Discurso, entre eles, Michel Pêcheux que acreditava que o texto ultrapassa suas conveniências linguísticas, influenciado pelas realidades de uma sociedade e pela história. Para ele, o texto vem à tona socialmente em função de contingências que não são linguísticas.

Michel Foucault também recebeu um espaço nesta parte da pesquisa devido as suas importantes contribuições como o conceito de ordem do discurso. Para ele, nada é apenas aquilo que foi dito. Obrigatoriamente, o texto diz mais do que o que está escrito. Seria impossível não criar um subitem nesta pesquisa sobre Patrick Charaudeau, já que este trabalho se baseia em quase sua totalidade em suas noções sobre o discurso político. Para ele, um texto interpretado fora de suas circunstâncias de produção induz a construção de uma imagem do *eu* que responde às referências sócio-linguísticas de cada indivíduo. A interpretação seria, então, subjetiva, mas não individual. Para finalizar esta parte da pesquisa e apresentar o terceiro, foi abordada a Teoria Semiolinguística de Patrick Charaudeau. Nessa teoria, o autor apresenta a Situação de Comunicação do discurso, apresentando o ser social de fala e o sujeito ideal mostrando que nem sempre o que é dito pelo sujeito de fala chega da forma como ele pretendia.

A terceira parte da pesquisa foi reservada para a apresentação dos conceitos principais de discurso político também em Charaudeau. Nesta parte objetivou-se a análise do jogo de máscaras no discurso político e dos meios utilizados para persuasão e sedução de seus interlocutores. A política mostra-se como um espaço persuasivo onde se deseja dominar e convencer o público. A política depende da ação e é através da linguagem que o discurso político se instaura, persuadindo e seduzindo seu espaço na política e comprovando que é impossível dissociar a ação política do discurso.

Não se pode falar em discurso político sem mencionar a ideologia e esta parte da pesquisa traz um subitem que aborda essa temática. A ideologia é construção do pré-construído, a constituição do sujeito e dos sentidos. No

discurso político, a ideologia se associa à vida em sociedade e ao governo da coisa pública. Ideal no discurso político é um discurso movedor de paixões e que venha relacionado a um discurso que transmita verdade, mesmo que não seja verídico.

A quarta parte da pesquisa destina-se à análise da amostra do discurso de Lula no documentário em questão. Como preâmbulo, são abordados temas como a história de Luis Inácio Lula da Silva e uma breve apresentação do documentário *Entreatos* no intuito de situar o leitor na análise do *corpus*. O subitem *Ethos* e corporalidade se apoia em Dominique Maingueneau, para quem o *ethos* emana da imagem de si no discurso. Foi através do *ethos* que analisou-se o fiador no discurso que é aquele que, através de estratégias de validação, legitima e proporciona credibilidade por meio do discurso. Por fim, foram apresentadas as estratégias de fiação do discurso e construção da imagem de Lula a partir da análise do *corpus* com base nas teorias apresentadas no decorrer da pesquisa.

Foi reservado um subitem nessa parte da pesquisa para a análise das marcas ideológicas presentes no *slogan* do governo federal “Brasil: um país de todos”. Também foi destinado um espaço aqui para a revista *Veja* por representar a oposição do governo de Lula através de publicações que colocavam em dúvida o discurso político de Lula.

Na quinta parte da pesquisa, apresentam-se as considerações finais acerca dos resultados obtidos nas análises. As constatações consideradas mais significativas nessa pesquisa foram sintetizadas.

Vale destacar que esta pesquisa não tem a intenção de analisar os trabalhos políticos propriamente do então candidato a presidente para que possa demonstrar coerência com nossos objetivos de pesquisa. Busca-se aqui estabelecer apenas uma análise do discurso político de Lula com base nas teorias da Análise do Discurso em Patrick Charaudeau e também na construção do *ethos* de acordo com as teorias de Dominique Maingueneau. Mais do que respostas, este estudo buscou resumir alguns questionamentos que se reportam à potencialidade e à contemporaneidade das questões trabalhadas, deixando aberto um caminho para futuras pesquisas.

Essa pesquisa permitiu compreender que Lula obteve a vitória nas eleições de 2004 depois que relacionou uma imagem de um brasileiro,

nordestino, ex-operário, ex-sindicalista e candidato a presidência da república, com a um discurso movedor de paixões e que validaram o seu discurso através da construção de um *ethos* positivo.

1.1. Problema

Como o então candidato a presidente Luis Inácio Lula da Silva se projeta nacional e internacionalmente, não propriamente pelas ações e conquistas de seu governo, mas pelas marcas ideológicas que tem construído, ao longo dos seus dois mandatos, pelo discurso?

1.2 Objetivo geral

A presente pesquisa teve como objetivo abordar a questão da palavra no discurso político enfocando pressupostos teóricos da Análise do Discurso como propriedades e estratégias de validação a partir da figura do então candidato a presidente Luis Inácio Lula da Silva.

A pesquisa teve como objetivo caracterizar o discurso político do então candidato a presidente Lula fazendo-se considerações sobre a construção e manifestação do sujeito político, no documentário *Entreatos* (2004), pinçados da proposta de análise do discurso em Patrick Charaudeau e Dominique Maingueneau, bem como estabelecer considerações sobre o discurso político do então candidato a presidente Lula a partir do conceito de sujeito Enunciador e Comunicante, a partir da proposta de análise do discurso em Patrick Charaudeau; analisar a construção enquanto sujeito do então candidato a presidente Lula nos discursos proferidos de forma espontânea em suas aparições públicas dentro da problemática dos estudos do discurso em Patrick Charaudeau; interpretar a ideologia do seu governo partindo da análise do *slogan* central do governo de Lula; analisar a construção do *ethos* no discurso de Luís Inácio Lula da Silva enquanto presidente analisando o fiador, a cenografia e a formação da imagem que o presidente constrói de si nos seus discursos, a partir da Análise do Discurso.

1.2.1 Objetivos específicos

- Estabelecer considerações sobre o discurso político do então candidato a presidente Lula a partir do conceito de sujeito Enunciador e Comunicante, a partir da proposta de análise do discurso em Patrick Charaudeau;
- Analisar construção enquanto sujeito do então candidato a presidente Lula nos discursos proferidos de forma espontânea em suas aparições públicas dentro da problemática dos estudos do discurso em Patrick Charaudeau;
- Interpretar a ideologia do seu governo partindo da análise do *slogan* central do governo de Lula;
- A construção do *ethos* no discurso de Luís Inácio Lula da Silva enquanto presidente analisando, a partir da Análise do Discurso, o fiador, a cenografia e a formação da imagem que o presidente constrói de si nos seus discursos.

1.3 Hipóteses

Partindo da hipótese que há uma intenção no seu método de discursar, pois é ele consegue se fazer entendido por qualquer pessoa de qualquer classe social, acredita-se que as críticas ao discurso de Lula parecem não funcionar mais, pois, seu discurso é um dos artifícios que o mantém com alta popularidade. A tendência é que Lula se apresente como o fiador de seu próprio discurso, a partir de uma estratégia de identificação com o seu eleitorado por um dos mais práticos dispositivos: o discurso vazado em princípios da oralidade, familiaridade, proximidades.

1.4 Metodologia

O *corpus* para análise foi constituído por algumas passagens dos pronunciamentos do então candidato a presidente extraídas do documentário *Entreatos* (2004), de João Moreira Salles, para inventariar trechos do pronunciamentos do então candidato a presidente Lula – então candidato à presidência numa disputa eleitoral contra seu adversário José Serra –, com o

objetivo de montar uma pequena amostra, a partir do qual possamos aplicar instrumentos da Análise do Discurso e por entender nele estratégias de fiação sustentadas num contexto de enunciação em que o sujeito se projeta intencionalmente e conduz os modos de interpretação e constituição dos sentidos.

Foram levantadas abordagens de natureza *qualitativa* de pesquisa na perspectiva de Patrick Charaudeau (2008) e também de outros teóricos que fazem referências ou tomam por base a análise do discurso de textos políticos ou mesmo midiáticos, avaliando a influência dessas teorias como *corpus* de análise parte de um repertório bastante extenso de pronunciamentos, coletados no documentário *Entreatos* (2004), bem como a logomarca¹ do seu governo "Brasil: um país de todos", como forma de compor um quadro das estratégias de persuasão e adesão ideológica de que se vale usualmente, e que fundamenta o plano geral de enunciação em que se dão esses enunciados.

Para tal, pretende-se levantar as principais questões acerca das considerações sobre discurso político e como se apresentam os discursos improvisados do presidente Lula durante seu mandato eleitoral, dentro de um referencial pertinente, relacionando às teorias do discurso dos teóricos citados.

Também foi analisado o discurso do então candidato a presidente da república na tentativa de ilustrar os aspectos teóricos aqui trabalhados. Através dos seus discursos foi analisada sua construção enquanto sujeito nos discursos proferidos de forma espontânea no documentário. Também foi trabalhada a ideologia de sua proposta de governo partindo da análise do *slogan* central da campanha de Lula bem como a logomarca de seu governo. Por fim, foi levantada sua forma de persuadir os brasileiros através de seu discurso político que a imprensa causa tanta polêmica.

A análise desta pesquisa se vale na busca de sentidos que emanam de pronunciamentos de políticos em campanha, especialmente daqueles que se colocam bem nas pesquisas de intenção de votos, pertencem a grandes partidos, e, efetivamente chegam bem ao fim de uma corrida eleitoral.

¹ O slogan "Brasil: um país de todos" que compõe a logomarca.

1.5 O documentário

O *Entreatos* (2004) tem uma importante contribuição para a sociedade, pois revela os bastidores de uma eleição política, e nesse caso, revela o que não foi visto pelos eleitores na eleição. Hoje então candidato a presidente, Lula, durante seu mandato eleitoral, modificou o discurso político, utilizando uma linguagem mais simples, acessível ao povo e que, por isso, teve seu discurso tão criticado pela elite. O documentário mostrou Lula enquanto estava “atrás das cortinas”, em sua intimidade como uma pessoa que joga bola, come pastel, conta piada, dá carona, reclama da quantidade de fotógrafos, mas atende a todos mesmo assim. O material colhido no documentário continha a campanha e os bastidores das eleições, mas os diretores decidiram que expor apenas os bastidores das eleições seria mais interessante, pois revelavam cenas² de Lula em sua intimidade.

O documentário também mostra as técnicas para construção do discurso político e como é debatido antes mesmo de ser proferido. Mostra ao telespectador os bastidores de uma eleição, a influência dos membros do partido político no candidato à eleição, a influência dos assessores num discurso político pré-estabelecido, a preocupação com as vestimentas do candidato, presença constante da esposa, da família e o lado emocional do candidato à presidência.

Entreatos revela a importância do marketing político, o cotidiano político, as diversas viagens, a importância de pequenos detalhes e a preparação para debates. Seria um simples documentário político se fosse com qualquer outro candidato, mas por se tratar da figura de Lula, este documentário toma uma outra importância. Lula representava naquela época a esperança política para a mudança. Isso é perceptível quando Lula passa nas ruas e as pessoas afirmam que ele seria a última esperança rumo à mudança política. Uma vitória que era aguardada por todos que estavam à sua volta. É possível perceber a euforia das pessoas nas ruas quando encontram Lula. Possui diversas situações hilariantes, provocadas justamente pelo bom humor do próprio Lula, e é revelador em várias questões políticas.

² As cenas analisadas foram descritas no anexo neste trabalho.

É importante frisar que essas características que melhor identificam o documentário não são exclusivas desse gênero. É possível encontrar imagens reais como, por exemplo, o filme *Rec* (2007), dirigido por Jaume Balagueró e Paco Plaza; *Atividade Paranormal* (2007), dirigido por Oren Peli; e *Contato de 4º grau* (2009), escrito e dirigido por Olatunde Osunsanmi. Os dois primeiros filmes de apresentam um estilo de imagem que é captada propositalmente com a câmera na mão para transmitir ao espectador a ideia de que aquelas cenas são reais, para causar impacto por serem filmes de terror. Outro ponto importante a ser observado é que, nesses dois filmes, o câmera é um personagem que dialoga, pois expressa medo por meio de palavras, estabelece uma conversa com os personagens e é possível ouvir a respiração do mesmo.

II CONSIDERAÇÕES SOBRE A ANÁLISE DO DISCURSO

A Análise do Discurso leva em conta o enunciado em seu contexto, em sua situação de produção, em suas condições históricas e políticas, o que propicia as regras de leitura e permite uma interpretação.

A Análise do Discurso, então, busca analisar a palavra em movimento. Ela se concentra na exterioridade do discurso ao fazer uma conexão entre a linguagem e a exterioridade. É preciso levar em consideração também a relação ente história e sociedade e isso se reflete na influência da ideologia no discurso e, conseqüentemente, na língua. “Não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia” (ORLANDI, 2001, p.13). É a partir desse primado que Eni Orlandi mostra que a língua só faz sentido quando o indivíduo se constitui enquanto sujeito através da ideologia.

Apesar de o termo “ideologia” apresentar-se como variado, procurou-se entendê-lo como uma concepção de mundo pré-construída por um determinado grupo social. Essa noção de ideologia carrega consigo alguns signos que podem (ou não) corresponder à realidade e ser intencionais. A ideologia busca “produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência” (ORLANDI, 2001, p. 46). Ela é adquirida ou organizada através de instituições como a igreja, a família, o Estado, e reúne uma reconstrução de uma realidade social que depende de interesses coletivos. O fato mesmo da interpretação, ou melhor, o fato de que não há sentido sem interpretação, atesta a presença da ideologia (ORLANDI, 2001).

A Análise do Discurso seria, então, o estudo das condições linguísticas que se dão no enunciado e “busca definir o seu campo de atuação, procurando analisar inicialmente *corpora* tipologicamente mais marcados” (Brandão, 2004, p. 17). É a partir dessa preocupação com a situação externa ao discurso que surge a relação direta com a competência ideológica.

Dentro dos estudos da Análise do Discurso, não se acredita que uma palavra possua um sentido pré-estabelecido, com um sentido claro como se ela pudesse fazer imediata referência a algo. A tendência é que uma língua não possua regras próprias de fonologia, morfologia e sintaxe. Dentro da Análise do

Discurso, a língua se manifesta de acordo com o processo discursivo a partir do qual se dá tal enunciado. A Análise do Discurso também acredita que os sentidos dos enunciados não são sempre os mesmos dada a sua formação discursiva.

Em uma parte da pesquisa sobre as formações discursivas, Foucault (1997, p. 92) afirma que “a unidade do objeto não nos permite individualizar um conjunto de enunciados e estabelecer entre eles uma relação ao mesmo tempo descritível e constante”. Formação discursiva é a interpelação/assujeitamento do indivíduo como sujeito do seu discurso. É através da formação discursiva que podemos afirmar que ninguém, senão o sujeito de fala, tem autonomia para concordar ou não sobre o sentido a dar às palavras, inseridos em um determinado contexto histórico. Cabe à Análise do Discurso abordar o discurso situando-o na relação da língua com a história, procurando suas marcas ideológicas. Dessa forma, as palavras mudam seu significado de acordo com a posição de quem as emprega.

Para a gramática, os significados são sempre os mesmos, mas dentro dos estudos da Análise do Discurso, há crédito de que um mesmo enunciado pode ter sentidos diferentes caso possuam formações discursivas distintas.

A Análise do Discurso se dedica com particular cuidado a estudar o campo do sentido. Ela não dispõe de uma teoria para estudar a gramática da língua. Ela só aborda a língua quando a Linguística atinge o campo do sentido, pois, para ela, o sentido decorre das enunciações e se dão mediante sua formação discursiva. Sendo assim, não há Análise do Discurso sem Linguística, porém ela limita o seu domínio a partir de sua especificidade: o campo do sentido.

Outra característica dessa disciplina é que ela não considera a língua como uma ferramenta que os enunciadores utilizam para determinada finalidade como, por exemplo, para a comunicação. Isso seria como usar a língua de forma completamente exterior ao sujeito de fala. Também não seria a língua uma extensão do pensamento, já que não poderia haver pensamentos sem a linguagem (BRANDÃO, 2004). Todos esses usos da linguagem têm para a Análise do Discurso pouca relação com o verdadeiro funcionamento discursivo, no qual o sujeito não cumpre seu papel por sentença, mas por

imposição de uma ideologia e dizem os enunciados que deveriam ou poderiam ser ditos.

A Análise do Discurso também não agrega texto a contexto, tampouco enunciados a contextos. Para ela, o texto origina-se de uma sucessão, de uma superfície discursiva e não de uma unidade coerente de sentido retirada de sua origem. Informações veiculadas pelas anáforas, presentes na semântica da enunciação de um texto, devem ser levadas em consideração para a compreensão de seu sentido. Não se pode retirar parte de um texto, desconsiderando uma cadeia de sentidos que estão presentes nele e até mesmo o elo existente com discursos anteriores a ele e que lhes pertencem e que, muitas vezes, aparecem de forma oculta.

2.1 Breve contexto histórico

A Análise do Discurso é a disciplina que tem com objeto de análise discurso propriamente dito, compreendido como sendo a linguagem numa situação particular de uso por um sujeito imbuído de história. Na França, ela ocupou o espaço que anteriormente pertencia à Filologia tradicional, embora não a eliminando, mas com um pressuposto teórico e metodológico completamente diferente.

A Análise do Discurso é multidisciplinar. Defendendo-se do estruturalismo nos anos 1960, herdou influências da Linguística, do Marxismo e da Psicanálise.

A Análise do Discurso na França é, sobretudo, e isto desde 1965, aproximadamente, assunto de lingüistas (...), mas também de historiadores (...) e de alguns psicólogos (...). A referências às questões filosóficas e políticas, surgidas ao longo dos anos 60, constitui amplamente a base concreta, transdisciplinar de uma convergência (...) sobre a questão da construção de uma abordagem discursiva dos processos ideológicos. (PÉCHEUX Apud MAINGUENEAU, 1997, p.10).

A Análise do Discurso se desenvolveu, pois, na França nos anos 1960-1970, portanto, relativamente recente entre nós. Enquanto a gramática tradicional trabalha com frases fragmentadas ignorando todo o contexto linguístico e social em que se encontra, a Análise do Discurso leva em conta o

contexto social e as condições em que foram produzidos aqueles discursos, permitindo uma interpretação.

A Linguística, enquanto ciência, surgiu a partir do século XIX como o estudo científico da linguagem articulada. Antes de ser considerada ciência, a Linguística consistia de um vasto domínio de especulações históricas e filosóficas sobre a linguagem conectado com os estudos filológicos. Entre os pensadores da primeira metade do século XX, um dos tópicos mais discutidos era o estruturalismo e o marxismo. A Linguística Estrutural na Europa teve início em 1916 com a publicação do *Curso de Linguística Geral* (s.d. [2002]), de Ferdinand de Saussure. Nessa obra, ele definiu a língua como objeto da Linguística. Ela (Linguística Estrutural), completamente alheia à transdisciplinaridade, se dedicava à semântica, à fonética e à morfossintaxe. No *Curso de Linguística Geral* (op. cit.), Saussure define a língua como “o mais complexo e o mais difundido sistema de expressão, é também o mais característico de todos” (SAUSSURE, 2002, p. 82). Nesse sentido, a Linguística ergue-se como principal foco de estudo de uma vasta disciplina: a Semiologia. A Linguística pré-saussuriana não se interessava em classificar o objeto. Ao tentar entender a língua como um sistema, Saussure criou o método sincrônico em oposição ao diacrônico, sendo o objeto de estudo da sincronia os fenômenos linguísticos observados num determinado estado de sua evolução, seja no presente, seja no passado. O método diacrônico estuda os fatos linguísticos em suas transformações através dos tempos. Nesse aspecto, descreve fenômenos evolutivos individuais, estudando o processo de evolução da língua e suas causas.

O estruturalismo de Saussure trouxe dois elementos adversos: a *langue* e a *parole*. Saussure define *langue* como “sistema linguístico” e “designa a totalidade de regularidades e padrões de formação que subjazem aos enunciados de uma língua” (WEEDWOOD, 2002, p. 127). A *parole*, segundo os termos técnicos saussurianos, pode ser compreendida como “comportamento linguístico” e “designa os enunciados reais”. Para o estruturalismo, o homem se submete a sua língua e nega o sujeito já que este obedece a um comando. Foi no estruturalismo que o estudo da linguagem adquiriu cientificidade.

O estruturalismo, no sentido europeu, então, é um termo que se refere à visão de que existe uma estrutura relacional abstrata que é subjacente e deve ser distinguida dos enunciados reais – um sistema que subjaz ao comportamento real – e de que ela é o objeto primordial de estudo do linguista (WEEDWOOD, 2002, p. 128).

Com estes referenciais apenas, oriundos do estruturalismo, não seria possível a análise que ora propomos, uma vez que conceitos tais como sujeito, história, ideologia e inconsciente são posteriores.

As constantes indagações, no final dos anos 1960, estremeeceram o estruturalismo contestando a epistemologia de Saussure que buscava o estudo do texto ignorando qualquer informação exterior a ele. A partir de então surgem Roman Jakobson e Émile Benveniste com uma teoria que referenda o discurso e a enunciação; ambos põem em cena categorias fundamentais do discurso tais como o locutor, a mensagem e o enunciatário e, a partir daí, formam reflexões sobre o discurso, que mais tarde contribuiriam para a formulação da Análise do Discurso.

O ato de comunicação só se completa quando o locutor consegue decodificar a mensagem enviada pelo enunciatário. Para compreender melhor o ato de comunicação, é importante perceber que, para que ela aconteça, alguns elementos interferem nessa comunicação como o **locutor** – aquele que faz a codificação da mensagem em signos e transmite ao enunciatário –; o **enunciatário** – aquele que recebe a mensagem e que a decodifica; **canal** – meio físico em que a mensagem se propaga; o **código** – conjunto de signos em um sistema que permite a construção de uma mensagem, por exemplo, a nossa língua portuguesa; o **referente** – são os elementos externos que podem ser reais ou imaginários aos quais se referem a mensagem; o **contexto** – tudo que envolve o ato de comunicação como a situação, o ambiente, o que antecede e sucede o ato de comunicação. E, por fim, a **mensagem** propriamente dita que consiste na sequência de signos organizados de acordo com um código e enviados pelo locutor ao enunciatário por meio de um canal.

Nem sempre a mensagem é compreendida com sucesso. Inúmeros fatores podem interferir nesse processo, impedindo que se complete como o locutor espera. Chama-se de **ruído** tudo que prejudica esse processo de comunicação, causador de perda ou modificando a mensagem. O contexto interfere na codificação (ou seja, na conversão em sinais adequados de um

código que se deseja transmitir ao receptor) e na decodificação (interpretação da mensagem recebida) da mensagem, podendo tanto produzir como impedir ruídos.

A teoria do discurso apresenta-se em duas vertentes: a teoria do discurso americana que não se preocupa com o contexto exterior ao texto, apenas com sua estrutura de organização, e a semiologia francesa, que põe em cena sujeito, ideologia e história. É com essa última teoria que nos identificamos, contudo são as teorias do discurso que buscam estabelecer as relações entre o dito e as condições em que foram ditas.

A Linguística tem com uma de suas áreas a Semântica e é neste momento que a Análise do Discurso rompe com ela. Podemos definir a Análise do Discurso como uma teoria da leitura a qual rompe com a análise de conteúdo e com a Filologia. Pêcheux (apud MUSSALIM, 2009, p. 358) afirma que a linguística anterior a Saussure estudava e formulava perguntas em textos referentes a sua compreensão; e a filologia como a concebia Saussure: “na medida em que pretende antes de tudo fixar, interpretar, comentar textos” (SAUSSURE, 1975, p. 7). A Filologia é uma disciplina bastante criticada pela Análise do Discurso. Considerando que a Filologia é uma disciplina que exerce a interpretação de textos que se deu até meados do século XX, podemos afirmar que a Análise do Discurso originou-se rompendo também com ela. A Filologia concebe que as palavras, enunciados ou textos trazem uma interpretação apenas, e legítima, diferente da Análise do Discurso que nos mostra que as palavras, enunciados e textos não possuem uma garantia de sentido. Para ela, um enunciado pode dizer sempre mais do que ele nos permite ver a partir dos efeitos provocados pela ideologia e pelo inconsciente e também decorrente das condições em que determinam discurso se deu em sua produção.

A Análise do Discurso rompe com o projeto de autor; como a de um sentido originário a ser descoberto; com a concepção de língua como expressão de ideia de um autor sobre as coisas; com a concepção de texto transparente, sem intertexto, sem subtexto; com a noção de contexto cultural dado como se fosse uniforme (MUSSALIM, 2009, p. 360).

A Análise do Discurso rompe com a continuação ou desenvolvimento e propõe uma mudança de rumo diante das etapas anteriores. Desenvolve-se

outro olhar sobre a história instaurando uma nova problemática, trabalhando o mesmo campo, porém de forma diferenciada. A ruptura pode ocorrer de duas maneiras: quando teoria científica se desloca, construindo outro campo; ou quando suas ideologias se modificam. A Análise do Discurso pode trabalhar os diversos “temas” que também são trabalhados pela Linguística, porém quebrando com o que a Linguística já produz em relação a eles.

A Análise do Discurso desenvolveu-se na França com análise em *corpus* político como novo campo da linguagem, observando não apenas as frases sem um contexto, mas as condições de produção em que o ato de linguagem se dá.

2.2 A heterogeneidade enunciativa

A heterogeneidade enunciativa está presente em marcas explícitas do discurso de forma a permitir a inserção do Outro na sucessão do discurso através de aspas, do discurso direto ou mesmo o indireto livre, a ironia. Assim o discurso do *tu* é inserido no discurso do Mesmo. Levando em conta que a Análise do Discurso trabalha com o sentido no discurso heterogêneo marcado pela ideologia e pela história, pode-se compreender que faz uma releitura, uma nova interpretação no discurso. A formação discursiva faz uma relação entre o interdiscurso e o intradiscurso.

2.2.1 - Memória e polifonia

É através do interdiscurso que acontecimentos históricos se mostram no discurso. Para Bakhtin (2004), todo texto é um conjunto de vozes que se exprime. Cada enunciação é a expressão de várias vozes, algumas inseridas de forma intencional e outras de forma que o enunciador não se dá conta. A memória pode ser considerada como o interdiscurso que estabelece uma relação entre o já dito e o que se está dizendo pelo enunciador. Toda enunciação se encontra entre a memória de um discurso já dito por outrem e que adormece em nós e entre a atualidade. “O interdiscurso é todo o conjunto

de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos” (ORLANDI, 2009, p. 33). No discurso, apenas uma parte é dita, mas até mesmo o que não é dito também carrega significado. Pêcheux (apud ORLANDI, 2009, p. 35) denomina esse acontecimento de esquecimento no discurso que ele classifica em esquecimento enunciativo e esquecimento ideológico. No primeiro, nosso discurso é organizado de uma maneira e não de outra e, ao falarmos, retomamos discursos anteriores adormecidos em nós e que indicam que o nosso discurso sempre podia ser de outro. No segundo, é manifestado pelo inconsciente através da ideologia.

Os sentidos e os sujeitos sempre podem ser outros. Depende de como são afetados pela língua, de como se inscrevem na história. Depende de como trabalham e são trabalhados pelo jogo entre paráfrase e polissemia (ORLANDI, 2009, p. 37).

Apenas uma parte do que é dito é mencionado no discurso, porém, o que não foi dito também fala no discurso. Portanto, para a Análise do Discurso o texto não é gerado a partir de uma unidade. Ele não faz sentido a partir de uma relação com um contexto, mas sim decorrente de sua introdução em sua formação discursiva, a partir de uma memória discursiva, do interdiscurso que ele retoma e do qual faz parte.

O intradiscurso consiste na linearização do discurso, na formulação do texto. É através dele que é possível juntar, alinhar, costurar os sentidos do interdiscurso. A compreensão do discurso é próprio da ideologia materializada pela história que acontece em algum lugar da história e da sociedade. A constituição do texto se dá através do intradiscurso e nessa relação “a identidade discursiva se constrói na relação com um Outro presente linguisticamente ou não no intradiscurso” (BRANDÃO, 2004, p. 93). A interpretação acontece entre o interdiscurso e o intradiscurso chegando ao sujeito por meio das marcas linguísticas. A Análise do Discurso aparece aqui buscando efeito de sentido através da interpretação. E essa interpretação pode coincidir com a interpretação desejada pelo sujeito do discurso ou não, pois os sentidos não são tão evidentes como parecem ser.

Sabe-se que a Análise do Discurso é uma disciplina autônoma, mas para efetuar uma análise de discurso são necessárias algumas técnicas,

métodos e instrumentos e não se pode ignorar o fato de que há diversas formas de se trabalhar um discurso. A forma como o discurso é problematizado é que o relacionará aos fatos da linguagem e a fenômenos da ação e da influência.

2.3 Importantes constituições

Trabalhar-se-á aqui com Michel Pêcheux, Michel Foucault que influenciaram diretamente no surgimento da Análise do Discurso enquanto disciplina a parte da Linguística propriamente dita. Também será apresentado o autor Patrick Charaudeau com suas importantes contribuições atuais para a Análise do Discurso e suas contribuições na Análise do Discurso Político. Serão desenvolvidas aqui, suas contribuições de forma restrita enquadrando o tema desta dissertação.

2.3.1 Michel Pêcheux

Faz-se indispensável mencionar Michel Pêcheux neste trabalho, pois ele foi o precursor da Escola Francesa de Análise do Discurso. Depois dele, mesmo depois da sua morte, há muitas outras pesquisas importantes, não só na França, mas também em outros países com um conjunto de autores que elaboram diferentes pontos de vista entre si, construindo uma heterogeneidade de opiniões. Não será feita, pois, apresentações sobre quem foi Pêuchex, mas será destacada as condições de produção descritas por ele.

As condições de produção são construídas em um determinado momento histórico e por uma determinada formação social pela ideologia. Pêcheux (1997a) denomina a ideologia como “aparelho ideológico de Estado”, pois vê a ideologia não apenas como a ideologia das classes dominantes ou como a realização sem conflitos da ideologia dominante, mas como o lugar e as condições ideológicas de transformação das relações de produção.

Michel Pêchex (1971) abandona a Pragmática substituindo-a pela Análise do Discurso ao fazer a troca do termo “circunstâncias de um discurso”

passando a se chamar *condições de produção* em sua obra, como aparece abaixo.

O estudo da ligação entre as “circunstâncias” de um discurso – que chamaremos daqui em diante de suas condições de produção – e seu processo de produção (PÊCHEUX, 1971, p. 75).

Pêcheux (op. cit.) afirma que a Pragmática, diferente da Análise do Discurso, trata de contextos para uma frase, de pequenas cenas, de cenários mais institucionalizados numa situação em que os falantes teriam domínio quase total. O que dá sentido a um enunciado não é o contexto em que se situa, mas as posições ideológicas que estão subordinadas ao que é dito e o que já foi dito. Ele diz que a figura do destinador e destinatário é representada nos processos discursivos no qual são inseridas em jogo. As condições de produção de discurso podem ser caracterizadas pelas situações concretas que dão origem a sua produção e que caracterizam esse processo discursivo. Para a Análise do Discurso, as condições de produção têm uma forma psicológica e também sociológica, mesmo na situação concreta. Os contextos imediatos só são proveitosos na medida em que exercem a sua função de condições históricas de produção, quando os enunciados se submetem à sua formação discursiva.

A expressão “condição de produção” perdeu sua influência depois da consolidação da Análise do Discurso. Isso decorre do fato de que a Análise do Discurso não analisa um discurso solto de sua condição original em que se encontra e, com isso, a questão das condições de produção se aliam ao conceito de interdiscurso, que foi trabalhado no início desta parte da pesquisa.

Com o objetivo de delinear o foco da pesquisa, é importante descrever as contribuições de Michel Pêcheux para a Análise do Discurso em relação a forma-sujeito do discurso na política do proletariado.

Para Pêcheux, não existe prática sem sujeito e a prática discursiva está inscrita nas formações discursivas que determinam a instância ideológica em determinadas condições históricas. Todo sujeito enunciativo deve ser posto como autor e responsável por suas palavras em cada ato inserido. Ele é o sujeito de seu discurso.

2.3.2 Michel Foucault

Michel Foucault é o autor da Análise do Discurso de linha francesa que se concentra em formular conceitos de crítica do sujeito, de materialidade discursiva e de formação discursiva. Ele é reconhecido por ser definido o discurso e a função-sujeito da Análise do Discurso, porém é muito criticado por duvidar de tudo que não está provado de modo evidente e por sua descrença absoluta. Para ele, o discurso não provém de determinada classe social e não teria fundamento determinar uma posse do discurso nas classes dominantes. Não seria o discurso dominado por alguns, por um grupo poderoso.

Os discursos são práticas que constituem modos de arranjar objetos para o saber, dispor de temas e conceitos, reservar uma posição a quem pode ou deve ocupar o lugar vazio de sujeito do enunciado. Não deturpam, não enganam; não são ideológicos, ilusórios; seu efeito é produtivo, criador de saber sobre o comportamento de indivíduos (disciplinarização), populações (biopoder), sexualidade (normalidade), doenças e loucura (medicalização), e, por isso mesmo, dotados de poder (*apud* ARAÚJO, 2004, p. 238).

Para Foucault (1998), o discurso de poder tem um caráter relacional e não é privilégio de uma classe dominante persuadindo os dominados de suas verdades. Ele afirma que as lutas não são para diluir as classes dominantes, mas para não ceder ao poder, ao saber e mostrar como esse tipo de discurso funciona. Ele diz ser necessário resistir aos poderes dessas ciências que se abastecem de saberes e isso só seria possível através da criação de outras políticas do sujeito.

A linha de Análise do Discurso de Foucault se firma em construir os conceitos de crítica às ilusões do sujeito, de materialidade discursiva e de formação discursiva e isso o aproxima de Michel Pêcheux.

O conceito de discurso para Foucault se concentra como conjunto de enunciados que atravessam uma formação discursiva e que firmam sua análise na descrição dos enunciados que a constituem. A posição do sujeito no enunciado vai variar de acordo com a posição que o indivíduo vai ocupar no enunciado. Entre as diretrizes criadas para concepção de discurso por Foucault estão a distinção entre enunciado e enunciação, a concepção de discurso como jogo estratégico entre enunciador e enunciatário, e a veracidade do discurso que é gerado pelo poder.

Foucault chama de “formulação” o ato de fala situado no momento presente (aqui e agora) e que pode ser aludido a um sujeito. A frase é uma unidade gramatical isolada de seu contexto discursivo e não se pode ignorar situações como a exterioridade em que o discurso se encontra. Foucault afirma que os enunciados discursivos como, por exemplo, o discurso político analisado neste trabalho, se fundamenta em suas significações dentro do próprio discurso. O implícito funcionará de acordo com o tipo de enunciados. Varia de acordo com a forma como se trate de um discurso político, midiático, literário ou outros.

O discurso é, em suma, uma prática em meio a outras tantas práticas, formado com regras anônimas, históricas, determinada no tempo e no espaço, que definem para uma dada época e para uma dada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa (ARAÚJO, 2004, p. 232).

A Análise do Discurso foucaultiana se sustenta no princípio de que o enunciado por si somente omite algumas informações. Para Foucault (*apud* ARAÚJO, 2004), a enunciação se apresenta como forma limitada de sentido e cada enunciado pertence ao lugar em que se apresentou. Ele releva nos discursos os acontecimentos externos a ele, determinando o lugar para o sujeito que é soberano no discurso, mas “um domínio no qual alguém pode dizer o que diz, e assim imbuir-se da função de sujeito, e o que diz ganha uma certa positividade e efetividade ” (op. cit., p. 238).

2.3.3 Patrick Charaudeau

Patrick Charaudeau é professor da Universidade Paris-Nord e diretor-fundador do Centro de Análise do Discurso. Co-dirigiu o *Dicionário de Análise do Discurso* com Dominique Maingueneau. Além desse livro aqui citado, Charaudeau também é autor da obra *Linguagem e Discurso* (2009), *Discurso das Mídias* (2006) e *Discurso Político* (2008) todos utilizados neste trabalho, mas com ênfase nas obras *Linguagem e Discurso* (2009) e *Discurso Político* (2008).

Na obra *Discurso das Mídias*, Patrick Charaudeau aborda uma visão das mídias pelo público em geral. Por ser um espaço público, a mídia produz um ar de desconfiança, pois ela se utiliza da tecnologia e do *marketing* para divulgar uma imagem, mesmo que de forma distorcida. A mídia constrói suas representações dos valores criando e manipulando signos para produzir sentidos pertinentes a elas. O mundo das mídias está sempre negando ligação com o poder político e posiciona-se sempre contra a manipulação. Porém, é pelo poder político que elas são utilizadas para persuadir o público, provocando efeitos que são negados por elas (as mídias), mas que estão longe de ser meramente informativos.

As mídias formam instâncias que não constituem nenhuma norma. Elas não têm intenção de impor. Ao contrário, elas constituem instância de denúncia do poder. Porém, “as mídias manipulam tanto quanto a si mesmas”, mas o manipulador das mídias não se apresenta como essa intenção. Como informar significa transmitir um conhecimento a quem não o tem, então as mídias se encontram no dever de dirigir-se a um grande número de pessoas, tornando-se manipuladoras de uma determinada informação. A linguagem é uma ferramenta de informação, mas a informação não é clara para todos e, através dela, se constrói uma imagem do mundo.

O ato de comunicação consiste na instância de produção e na instância de recepção. A relação de intencionalidade depende da relação estabelecida entre essas instâncias designando a instância de produção que é representada pelo produtor de informação; o de recepção é representado pelo consumidor da informação e de interpretação representada pelo texto midiático.

Charaudeau (2006) em *O Discurso das Mídias* busca tratar a informação como ato de comunicação. A informação necessita da linguagem para desempenhar a transmissão do saber de alguém que o possui para outro alguém que pressupõe-se não possuir tal saber. A linguagem refere-se também aos sistemas de valores que dirigem o uso desses signos no ato da comunicação. A informação implica o processo de produção de discurso em situação de comunicação.

Patrick Charaudeau aborda o bombardeamento de informações e persuasões que a mídia exerce em nossas vidas. Não há como fugir de um “aparelho” que tenta persuadir-nos através de seus discursos como faz a mídia.

Já em *Discurso Político*, Charaudeau mostra a tomada de decisões entre linguagem, ação, poder e verdade no objeto de estudo que neste livro é o discurso político. Esse tópico será abordado mais adiante na terceira parte da pesquisa.

Na obra *Linguagem e discurso*, Charaudeau desenvolve o ato de linguagem apresentado neste trabalho através da Teoria Semiológica que será desenvolvido na seção seguinte.

2.3.4 Dominique Maingueneau

Um dos principais autores desta pesquisa é Dominique Maingueneau. Atual professor de Ciências da Linguagem na Universidade de Paris 12 – *Val-de-Marne* e membro do *Centre d'Etude des Discours, Images, Textes, Ecrits et Communications – Ceditec*, ele se dedica a estudos enunciativos e discursivos, também voltado para a teoria dos discursos constituinte como os discursos religiosos, científicos, filosóficos e literários. Maingueneau publicou várias obras que tratam da epistemologia da Análise do Discurso, algumas delas traduzidas para o português como *Dicionário de Análise do Discurso* (com Patrick Charaudeau), *Discurso literário, Análise de textos de Comunicação, Novas Tendências da Análise do Discurso, Discurso literário, O discurso pornográfico, Gênese dos discursos, Cenas da Enunciação, Doze conceitos em análise do discurso*.

Suas pesquisas abordam uma observação apurada sobre o discurso a partir de suas teorias da enunciação lingüística, do *ethos*, da cenografia, da interlíngua, do gênero. Tudo isso aplicando importantes contribuições para a Análise do Discurso.

2.4 Teoria Semiológica em Charaudeau

Todo ato de linguagem ocorre com a troca entre o sujeito que fala e o outro. Podem estar um diante do outro ou não. Isso só é possível em decorrência do princípio da alteridade. Para que haja a troca de discurso é

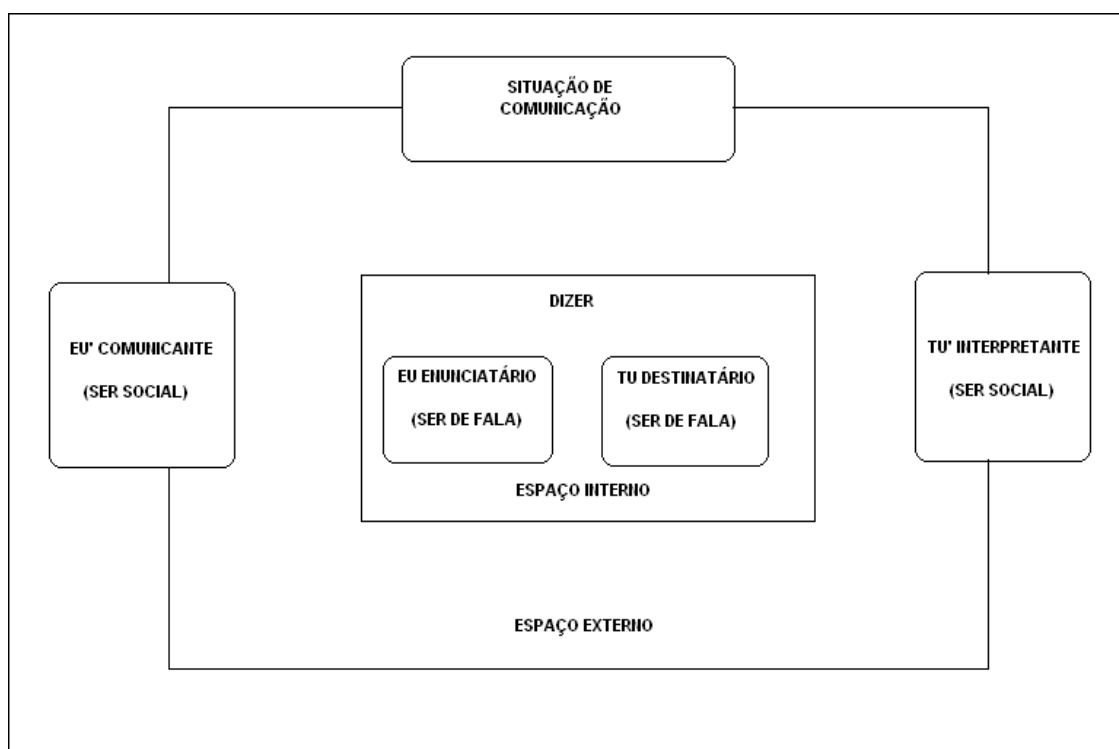
necessário que haja saberes compartilhados. O sujeito emissor do ato de linguagem é chamado de *sujeito comunicante*, e o sujeito receptor do mesmo ato de linguagem é denominado *sujeito interpretante*. Para que o ato de linguagem seja considerado válido, é necessário que haja uma “relação de interdependência” entre os sujeitos num processo recíproco (mas não simétrico). Este princípio estabelece um fundamento contratual, pois sem a presença do outro no discurso não há o ato de comunicação.

Nessa relação, segundo o princípio de influência o sujeito de fala deseja atingir através do ato de fala o sujeito interpretante ou para que ele aja, ou para afetá-lo emocionalmente ou para que este aja segundo suas vontades. Isso significa que todo sujeito interpretante é influenciado pelo sujeito comunicante. Porém, pode ocorrer a contra-influência, segundo o princípio da regulação, por parte do sujeito interpretante. Para que haja um acordo entre os sujeitos e cheguem a uma conclusão, os sujeitos do ato da linguagem recorrem à regulação do jogo de influências.

Todo ato de linguagem está ligado à posição hierárquica que o sujeito de fala exerce sobre o outro, à posição social que estes ocupam e também à relação de força que eles exercem entre si. Mesmo que paradoxal, a linguagem e a ação mostram-se dependentes e independentes ao mesmo tempo. A ligação entre eles depende da relação existente entre os sujeitos do discurso, da posição que um ou outro toma dentro do ato comunicativo. O que possibilita a submissão do sujeito interlocutor do discurso é a presença de uma ameaça ou uma possível gratificação pelo sujeito de fala, conferindo a ele alguma autoridade no discurso e um poder de ação, pondo o sujeito-alvo como dominado e o sujeito de fala como dominante, criando, assim, uma relação de poder entre eles.

“A linguagem é própria do homem” (CHARAUDEAU, 2009, p. 7). E é através da linguagem verbal que o homem desenvolve seus pensamentos e consegue viver em sociedade, pois é através dela que o homem constrói comunidades em torno de um desejo de viver em comum união com homens iguais e diferentes em ideias e opiniões. A linguagem é construída para o homem e pelo homem. É por meio de trocas de contatos, através da história dos povos, que a linguagem foi se desenvolvendo na vida social, na convivência do dia a dia. O ato de linguagem é produzido dentro de uma

situação de comunicação que Charaudeau define como *competência situacional* que envolve a *finalidade* de cada situação e a *identidade* dos “personagens” que envolvem uma troca entre si. Essa encenação da linguagem é chamada por Charaudeau (op. cit., p. 7) de teoria semiolinguística, “que consiste em saber organizar a encenação do ato de linguagem de acordo com determinadas visadas (enunciativa, descritiva, narrativa, argumentativa), recorrendo às categorias que cada língua nos oferece”. O quadro a seguir apresenta elementos na estrutura na situação de comunicação segundo a teoria de Charaudeau (2009) para explicar o circuito externo e interno no ato de comunicação. Nele pode-se perceber que um texto interpretado fora de sua circunstancia de produção induz a construção de uma imagem do *eu* que responde às referências sócio-linguageiras de cada indivíduo. A interpretação é subjetiva, mas não individual.



(Charaudeau, op. cit., p. 101)

O espaço da linguagem permite aos seus protagonistas uma dupla dimensão que envolve o ato de linguagem. As *circunstâncias do discurso* distinguem o processo de produção e o processo de interpretação que podem ocorrer não serem os mesmos. Em um ato de linguagem, o enunciador pode

(ou não) interpretar uma enunciação conforme a intenção do sujeito enunciador. O discurso do sujeito produtor da linguagem, denominado por Patrick Charaudeau *EU comunicante*, pode chegar ao enunciatário (*TU-destinatário*) de forma que sua mensagem não corresponda à verdadeira significação originária do *EU-enunciante*. Constrói-se nessa circunstância do discurso a construção do *EU'-interpretante* e um *TU'-interpretante*. Neste caso, o sujeito produtor da linguagem recebeu outra imagem que foi criada pelo interlocutor-destinatário que não equivale à imagem do interlocutor-interpretante. O TU-interpretante (TU') não equivale ao TU-destinatário (TU), pois foi criada pelo EU que também não é o mesmo do EU'. O que o EU deseja instaurar para o TU é uma imagem positiva. Isso não significa que essa seja a sua verdadeira imagem, mas sim a imagem que deseja transmitir. O EU omite sua face negativa para construir para o TU uma imagem positiva que ele acredita ou quer ter. A mensagem não é simplesmente interpretada pelo TU, mas há a necessidade do mesmo investigar as intenções do discurso do EU dentro das *circunstâncias do discurso*. O EU prepara um discurso que acredita ser adequado à situação da linguagem para o TU. Quando a mensagem chega de forma diferente da intenção construída pelo EU, o sujeito falante torna-se o EU' e, conseqüentemente o TU-interpretante torna-se o TU'.

III DISCURSO POLÍTICO

Antes de caracterizar o que se entende por discurso político, é importante frisar o conceito de discurso a ser trabalhado nessa pesquisa, pois o termo *discurso* é tomado em diversos sentidos.

3.1 O discurso

A comunicação, muitas vezes, é feita por meio de sons, postura corporais, olhares, etc. Esse tipo de comunicação é o que se denomina linguagem não verbal. Epstein (2002) compara a linguagem não verbal humana à comunicação entre os animais que não utilizam a linguagem verbal e se fazem comunicar através da mudança de comportamento.

A comunicação humana não-verbal através de sinais paralinguísticos de cada cultura humana – os gestos das mãos e a postura do corpo, por exemplo – são mais ou menos comparáveis em número às configurações de sinais dos animais. O ser humano usa, em média, cerca de 150 a 200 desses “típicos” gestos enquanto comunica. Se a cada configuração corresponder um “significado” diferente, é fácil verificar que a variedade a ser transmitida dessa forma é bastante limitada (EPSTEIN, 2002, p. 6).

O que Epstein (2002) afirma é que a comunicação entre os animais é feita a partir da quebra padrão de comportamento. Há um mistério na descoberta da comunicação verbal do homem. O fato é que a comunicação do homem depende de seu desenvolvimento, da evolução de seu instrumento vocal para transmitir diversas mensagens diferentes, chamado linguagem verbal. E essa transmissão de diversas mensagens tem como veículo os signos.

Os signos são entidades tão centrais e importantes em semiótica quanto os átomos em física, as células em biologia ou os números em matemática (EPSTEIN, 2002, p. 16).

Para Pierce (apud EPSTEIN 2002), um signo é um signo quando existe quem possa compreendê-lo como signo de algo. Seu significado designa a interpretação desse signo, indicando um objeto. Como subclasse dos signos tem-se os símbolos.

Os símbolos mostram os segredos do inconsciente, pois seus significados ultrapassam as fronteiras do racional. Um símbolo nunca é absolutamente desmistificado. Sempre tem algo implícito em todo símbolo, mas jamais haverá um símbolo nulo de significação. Seu significado é muito expansivo, com referências implícitas, expandindo sua interpretação. Porém, interpretar, desvendar, explicitar um símbolo irá descaracterizá-lo com símbolo propriamente dito, pois assim ele perderá seu “sentido” enquanto símbolo.

Nas produções verbais, empregam-se termos *enunciado*, *texto* e *discurso*. Maingueneau (2008a) classifica enunciado como “a marca verbal do acontecimento que é a enunciação” (MAINGUENEAU, 2008a, p.56). Ele deixa claro que enunciado e enunciação são termos distintos. Uma frase também não seria, para ele, o mesmo que enunciado. Uma frase qualquer fora de um contexto particular é apenas uma frase, porém, se inserida nem dado contexto, trata-se, então, de um enunciado.

Também se classifica como enunciado “uma unidade de comunicação completa no âmbito de um determinado gênero de discurso: um boletim meteorológico, um romance, um artigo de jornal etc.” (op. cit., p.56). Nesse caso, o enunciado tem o seu valor igual a um *texto*.

Já o termo *texto* é utilizado para designar um enunciado como um todo, em sua amplitude. Maingueneau (2008a) classifica *texto* como “produções verbais orais ou escritas, estruturadas de forma a perdurarem, a se repetirem, a circularem longe de seu contexto original” (op. cit., p.57). Um texto pode não ser construído por um mesmo enunciador, assim como os enunciadores podem ser organizar de forma hierárquica, como num debate, por exemplo. A variedade de vozes em um texto é um dos modos que constituem a heterogeneidade de um texto. Outro modo é a referência no texto a signos, sejam eles linguísticos ou icônicos (desenhos, fotos, etc.). A Ciência responsável por esse estudo é a Linguística textual.

Charaudeau (2008a) afirma que o *discurso* não pode ser entendido como linguagem verbal, pois a mesma corresponde a um conjunto de signos formais assim como a linguagem não verbal. O discurso vai além de códigos de manifestações da linguagem na proporção que é o lugar de manifestação da significação, podendo utilizar códigos semiológicos.

Deve ficar claro que toda encenação discursiva depende das características desses códigos, bem como de todos esses códigos. O que propomos, então é que não se limite a aceção do termo *discurso* unicamente à sua manifestação verbal, pois seria reduzir toda a encenação do ato de linguagem a um único código semiológico (CHARAUDEAU, 2008b, p. 17).

Charaudeau (op. cit.) parece mostrar que o termo *discurso* não se limita à comunicação verbal propriamente dita, mas a toda manifestação de mensagem. Uma pintura, por exemplo, fala por si sem qualquer manifestação verbal e carrega consigo códigos semiológicos que dão um efeito ideológico que se manifesta através do signo linguístico, desmistificando a ideia de que a linguagem só pode ser entendida como transmissão de informação, ou como sistema de comunicar. Também não deve ser entendido como “a unidade que ultrapassa uma frase” (op. cit.), como faz a tradição linguística.

Outro ponto importante abordado por Charaudeau (op. cit.) é a distinção entre discurso e texto. Um texto é um objeto que simboliza a manifestação do ato de linguagem, resultado de um processo que depende de um enunciador e de uma circunstância peculiar. Todo texto contém diversos discursos relacionados a gêneros diferentes e posições diferentes. O próprio discurso político, analisado nessa pesquisa, pode ser didático ou humorístico. Todo ato de linguagem está relacionado a discurso.

O discurso não deve ser associado diretamente às palavras, mas elas também são portadoras de ideias e sentimentos. As palavras podem revelar uma realidade com maior vivacidade despertar imagens mais enérgicas. Uma palavra pode carregar consigo o dever de dar conta do sentido de um enunciado ou mesmo estabelecer uma conexão entre as ideias.

3.2 O discurso político

O discurso político é um campo no qual o não dito aparece. Ele tem como objetivo único convencer o enunciatário de suas verdades. Persuadir o enunciatário do seu discurso é o melhor e mais convincente. Nele, vários discursos semelhantes se manifestam e se assemelham pelo objeto de análise, apesar das diversas possibilidades quanto à interpretação.

O discurso político é ao mesmo tempo o “lugar de engajamento do sujeito, de justificação de seu posicionamento e de influência do outro, cuja encenação varia segundo as circunstâncias de comunicação” (Charaudeau, 2008b, p. 42). Dentro do campo do discurso político, podemos fazer recortes, entre eles o discurso de direita, de esquerda, o discurso anarquista etc.

O linguista deve analisar o discurso observando seu contexto e, no discurso político, ele não deve ignorar a relação existente entre a linguagem, a ação, o poder e a verdade para analisar o ponto a ser estudado do discurso político. Os princípios da alteridade, da influência e da regulação se inserem no ato de linguagem norteados do quadro de ação que definirá a forma de agir sobre o outro no discurso.

A ação política se dá mediante a ação de um responsável em organizar e obter um bem comum numa comunidade. Esse responsável, denominado por Charaudeau (2008b) como *decisor*, elabora um projeto de interesse comum a todos e comprometido. Assim ele é escolhido, pois a ele foi confiada a função de realizar da melhor forma possível um projeto de interesse comum àquela comunidade. Esse representante deve prestar contas com a comunidade para o controle dos atos exercidos pelo seu representante e, a partir daí, a organização da ação política abre o espaço para a discussão dos interesses a serem priorizados. A linguagem está, portanto, vinculada à ação política, pois é através da linguagem que se constrói o espaço de discussão para a concretização de seus objetivos.

Estas questões levantam as chamadas instâncias políticas e cidadãs. A instância política está relacionada à ação política e a cidadã à eleição entre o povo cidadão para um representante do poder. Segundo a teoria da dominação de Weber (*apud* Charaudeau, 2008b), existe uma justificativa pela agressão aos submetidos à autoridade da instância política, já que o cidadão elege um representante no intuito de que este torne real o que é desejado pela comunidade, porém só será realizado aquilo que é possível. O poder político encontra-se, como define Habermas (*apud* Charaudeau, 2008b), entre a construção de uma comunicação legítima e a realização dessa legitimação pelo sistema político. Esse equilíbrio entre o prometido e o realizável, dentro da instância política, é o que garante a estabilidade da posição política no poder, já que ele se encontra ameaçado pela instância cidadã “por uma sanção física

(golpe de Estado), institucional (derrubada do governo) ou simbólica (descrédito)” (CHARAUDEAU, 2008b, p. 19). É, então, necessário um discurso persuasivo, movedor de paixões, para que a instância política consiga convencer a instância cidadã a aliar-se às suas ações políticas.

Os valores são postos em pauta quando há uma relação de igualdade entre os indivíduos das instâncias no fazer político. É importante que os valores sejam mantidos, mesmo que através de verdades aparentes, para que haja uma espécie de aprovação e, assim, manter um populismo por parte da instância cidadã. É através dos discursos que se constroem os valores dos quais dependem as ações políticas.

O governo da palavra não é tudo na política, mas a política não pode agir sem a palavra: a palavra intervém no espaço de discussão para que sejam definidos o ideal dos fins e os meios da ação política; a palavra intervém no espaço da ação para que sejam organizadas e coordenadas a distribuição das tarefas e a promulgação das leis, regras e decisões de todas as ordens; a palavra intervém no espaço de persuasão para que a instância política possa convencer a instância cidadã dos fundamentos de seu programa e das decisões que ela toma ao gerir os conflitos de opiniões em seu proveito (CHARAUDEAU, 2008b, p. 21).

O poder político se conceitua no debate de ideias (onde se trocam opiniões) e no fazer político (onde se tomam decisões para execução dos atos). Porém a palavra política é eivada de armadilhas. Ela deve se debater a verdade da ação que se manifestou através de palavras por meio de um discurso persuasivo e sedutor.

Toda fala política é efetivamente um fato social. Definir discurso político é tentar relacionar o ato de linguagem e seus efeitos psicológicos e sociais dentro de um campo da linguagem. É um campo de estudo eivado por diversas disciplinas. Como a Filosofia, a Ciência, a História, a Análise do Discurso não busca descobrir a racionalidade do discurso político, mas os discursos que possibilitam uma racionalidade política.

Outra importante característica do discurso político são seus aspectos injuntivos cuja finalidade é instruir o leitor ao uso de determinada atitude. O termo *injuntivo* significa imposição, exigência. Nesse tipo de texto, as formas verbais exprimem ordem no qual uma das formas verbais é o imperativo. Os textos injuntivos se dão por propor uma ação, característica bastante marcante nos engajamentos políticos, sociais e morais. Eles também dão conselhos e

empregam, além do modo imperativo, o futuro do indicativo e, às vezes, o infinitivo.

É indiscutível dizer que não há política sem o discurso, pois é no discurso político que a política propriamente dita se solidifica. É a partir da linguagem que se dá a ação política. E é também através da linguagem que ocorre a persuasão, a discussão, a sedução entre o espaço político e a sociedade.

A produção do sentido é uma questão de interpretação. Não é o discurso que é político, mas a situação de comunicação que o torna político. Assim como um discurso pode ser aparentemente político, mas numa determinada situação seu sentido pode ser neutralizado. É a interação e a identidade dos interlocutores do discurso que determinaram a situação política do discurso. O discurso político é tanto o “lugar de engajamento do sujeito, de justificação de seu posicionamento e de influência do outro, cuja encenação varia segundo as circunstâncias de comunicação” (CHARAUDEAU, 2008b, p. 42).

A política é consolidada como um campo de batalha simbólica onde o discurso se constrói através de um discurso de poder, em busca da dominação e acordos para o bem comum. Mesmo sendo o discurso político uma mistura do *logos* (discurso propriamente dito), do *Pathos* (paixões despertadas no ouvinte) e do *Ethos* (caráter do orador), este debandou do lugar da argumentação (*logos*) para o lugar da encenação (*pathos* e *ethos*) que, como o discurso publicitário, buscam mostrar cada vez mais sua encenação.

Patrick Charaudeau (2008b) diz que a palavra política funciona como um espaço de persuasão do discurso político através do poder comunicativo jogando com argumentos que envolvem a razão e a paixão tentando persuadir os cidadãos a aderirem a sua ação. A política mostra-se como um espaço persuasivo onde se deseja dominar e convencer o público como a sedução que encanta seus enunciatários através do emprego de certas construções, de metáforas, imagens, que embora planejadas, transmitem sentidos que nem sempre são as verdadeiras intenções do enunciador. Ela depende da ação e é através da linguagem que o discurso político se instaura, persuadindo e seduzindo seu espaço na política e comprovando que é impossível dissociar a ação política do discurso.

3.3 A ideologia no discurso político

Nos discursos políticos, a ideologia se forma na intenção do que se pretende dizer quando se toma o poder da palavra. Essa intenção corresponde ao assunto a ser discutido e esse assunto só tem algum sentido se carregar nele os conhecimentos que se tem da realidade e os julgamentos que carregamos dela, mesmo que a finalidade desse discurso seja persuadir o outro. “O homem é tomado tanto por um desejo de inteligibilidade do mundo quanto de troca com o outro” (CHARAUDEAU, 2008b, p. 187).

Cada sociedade identifica os objetos de conhecimento, agrupa-os de determinadas formas em domínios de experiências, dando valores a eles. Assim fazemos através da linguagem que define do que se trata, qual é a questão levantada e qual a melhor resposta para aquela problemática. Porém, o discurso político depende da situação em que a comunicação é feita entre ele e seus interlocutores, não sendo, assim, livre para se expressar através da variante não formal da língua. O sujeito político deve levar em consideração o campo temático que é imposto pelo propósito, mesmo que se sinta livre para tratar desse propósito de uma forma que lhe é própria. O interlocutor deseja que seus propósitos estejam em acordo com a situação de comunicação para que o discurso político não seja confundido com o discurso publicitário mesmo que haja ligação entre eles.

A ideologia política consiste em tudo que se associa à vida em sociedade e ao governo da coisa pública. A pretensão do discurso político é delimitar esse ideal pretendido pela sociedade, porém de acordo com o seu propósito. Quando alguém assume a liderança em um poder político é porque um número considerável de pessoas dá a ele o poder de agir em seu nome. Porém, a questão aqui é conseguir definir um ideal político dentro da pluralidade de desejos e necessidades da população. O discurso político deve, então, envolver os valores em nome do seu legado estabelecendo um elo social que une a diversidade. A verdade relaciona-se ao que é dito em seu discurso, mas não podemos dizer que ela é apenas o discurso. A verdade só pode ser representada por meio da linguagem e assim se manifesta através do discurso.

A comunicação pelo discurso político é feita através da mídia. O *slogan* a seguir – “Brasil: um país de todos” – aparece sempre em propaganda de divulgação de feitos que o governo quer mostrar para seu público. É através da mídia que o discurso político se apresenta e tenta se comunicar com seus interlocutores. O discurso político deve considerar sua tematização que é determinado pela situação na qual comunica que, na atualidade, é a mídia. A mídia atualmente contribui com a estrutura política do país, pois é através dela que os discursos chegam até a massa. É através dela que chegam os interesses políticos, divulgando os projetos do governo para o crescimento e desenvolvimento do país e do povo como no comercial do governo do então candidato a presidente Lula que divulga o *slogan* em foco.

3.4 “Brasil: um país de todos” e a Teoria Semiológica

O uso do *slogan* bem como a logomarca do governo neste trabalho se baseia na análise da ideologia política do governo de Lula, através dos meios de comunicação audiovisual. Esse *slogan* e a logomarca do governo são a manifestação do discurso político que aqui é analisado através das teorias de Patrick Charaudeau.

Em sua apresentação gráfica, que inclui também os enunciados linguísticos, o *slogan* (*Brasil um país de todos*) do governo federal apresenta uma profusa diversidade de cores. Essas cores representam um Brasil unido pela diversidade cultural e de raça (ou etnias) em harmonia, estabelecendo um elo entre essa demanda social e um projeto de governo. Esse Brasil unido configura-se no centro da figura com a bandeira brasileira em foco, em torno da qual o evento da igualdade, da justiça e da democracia se efetivará.

Essa enunciação tem um alto valor simbólico, agindo no subconsciente das pessoas em propagandas políticas através das mídias que têm um alto poder de persuasão. Com essa enunciação, o governo quer transmitir aos interlocutores que busca se aproximar da massa que constrói o país ou até mesmo que busca construir um país progressista com a participação da massa nessa construção. O governo de Lula propagou com esse *slogan* uma ideologia do desenvolvimento da construção de um país melhor. Ter com *slogan* “Brasil:

um país de todos” é dizer que o nosso país está nas mãos de uma minoria que, implicitamente, pertence às classes sociais dominantes. Essa seria a tematização do que o governo quer anunciar. Como problematização, esse *slogan* anuncia que a questão é a desigualdade e o posicionamento em questão é a igualdade e a desigualdade no país e a pretensão do governo é deixar claro que há necessidade de todos se unirem na construção de um país progressista e que pertence a todos e não apenas a uma minoria.

Na entrevista à TV Bandeirantes, Lula reafirma a intenção do governo representada no *slogan*, de que a ideologia governista é fazer um Brasil igual para ricos e pobres, “grandes e pequenos”. Não é fazer um governo para um ou para outro, mas “um país de todos”. E Lula fala na autoridade de presidente da república. Ele propõe um Brasil igualitário, a união de todas as raças e culturas na autoridade de um presidente, como representante maior da nação. O discurso persuasivo em nossa sociedade é possível devido o controle simbólico de grupos que possuem relativo domínio de poder que se limita ao modo como ele influencia. O poder simbólico é também uma forma de poder ideológico. O status “presidente” é um poder simbólico que detém grande controle sobre a forma de influência através dos discursos públicos.

Esse *slogan* marca discursiva e resumidamente o governo e foi usado como marca indicial da sua presença na vida pública, e foi veiculado pela mídia, como marca indissociável de suas ações. É através desta marca que rapidamente associamos aos feitos do governo federal ações positivas. Acreditamos que essa elaboração discursiva carrega marcas intencionais.

No discurso político, nem sempre a imagem que o político envia corresponde à imagem que a massa constrói. No processo de produção, o político cria sua imagem (EU) e dirige-se ao público-eleitor, o TU-destinatário. No processo de interpretação, a imagem criada pelo TU'-interpretante é construída pelo enunciador (EU').



Disponível em: <www.governofederal.com.br>. Acesso em 23 de maio de 2011.

Observa-se que o EUE (enunciário), no processo de produção do *slogan*, evoca o TUD (destinatário) com uma interpretação nova de país igualitário (*Um país de todos*), ideal que deve ser comungado por EUE e TUD. Neste nível, chamado de textual, interno, EU e TU são seres de fala, *ideais*, não *reais*, portanto, portam máscaras, e para usar a nomenclatura das ciências humanas, *representam*, pelo discurso.

Contudo, fora desse plano, está em jogo um perturbado conjunto de crenças político-partidárias de um espaço outro, o externo, onde atuam seres sociais, que vão interferir no processo de interpretação e, por conseguinte, pôr em relevo um EUC (comunicante) e um TUI (interpretante), apresentados na teoria semiolinguística de Charaudeau como *reais*. A interpretação feita por este TUI deve coincidir com a interpretação do EUC (comunicante), instância onde se dá a intencionalidade. O sucesso da empreitada discursiva (ou da peça de propaganda) se dará na conjunção interpretante entre EUC e TUI. Em se tratando de propaganda (relacionada à transmissão de ideias), a mensagem atinge a máxima pragmática de *felicidade* quando ocorre essa identificação no plano real.



Disponível em:
<http://www.danielsansao.com.br/motocontinuo/arquivos/index.shtml?2002_10_01_arquivo_moto.htm> Acessado em: 20 de janeiro de 2012.

É importante observar também a logomarca do governo Lula durante as eleições documentadas pelo vídeo analisado. Nela, o candidato aparece segurando uma estrela vermelha e, no fundo, a imagem que remete a um horizonte nas cores azul, verde e amarelo.

A imagem de Lula com a estrela na mão remete ao seu partido político, o PT. A imagem parece querer transmitir que ele “segura” o PT. Parece que é o Lula, criador e líder do Partido dos Trabalhadores, que agora quer liderar o Brasil. Ao fundo, temos uma imagem que remete o horizonte com um céu estrelado num cenário que lembra uma praia. O céu estrelado remete a ideia de uma noite agradável, uma noite bonita como uma noite de verão, com um céu azul e estrelas brancas. A ideia de noite parece surgir para a utilização, tanto do azul, uma das cores da bandeira brasileira, como para obter a presença das estrelas, símbolo de um céu aberto, sem chuvas e símbolo do PT. No que supostamente seria a areia dessa praia, temos as cores verde e amarelo, representando o solo da pátria Brasil. Esse conjunto de cores que formam a logomarca da campanha eleitoral de Lula são as quatro cores da bandeira brasileira: verde amarelo, azul e branco, representando a proposta de governo de Lula através de uma imagem que parece mostrar uma noite agradável de verão.

A imagem que se pretende passar através do discurso político é a positiva, omitindo qualquer imagem negativa que prejudique sua popularização entre a massa governada. Nem sempre o que o político diz corresponde à imagem que ele verdadeiramente é. Assim como a imagem que se deseja passar nem sempre chega à população como havia sido construída pelo político.

Em uma comparação feita durante uma entrevista exclusiva à agência de notícias *Associated Press*, o presidente Lula comparou os presos políticos em Cuba a bandidos no Brasil, recriminando a atitude dos presos cubanos, que fazem greve de fome para tentar chamar a atenção do resto do mundo. Tal comparação feita pelo presidente provocou grande polêmica, que levou o deputado petista Maurício Rands a afirmar que “ou o presidente Lula se expressou mal ou ele não foi compreendido”. Podemos identificar que a interpretação feita ao discurso do presidente (TU') fornece a ele uma imagem

construída a partir da interpretação do seu discurso (EU') diferente daquilo que o presidente (EU) acreditava que iria transmitir, pois, como político, o presidente deseja que seu discurso produza um efeito de sentido positivo, mostrando sua face positiva³ através da “máscara” discursiva. A interpretação feita através do discurso do presidente que levou à polêmica (TU') age fora do ato de enunciação produzido pelo presidente (EU). O discurso interpretado escapa do domínio do presidente (EU) e, assim sendo, o discurso interpretado apresenta-se numa relação de opacidade com a intenção prévia construída pelo EU do discurso.

Esse discurso de Lula repercutiu de tal forma que o presidente nacional da OAB, Ophir Cavalcante, lamentou a declaração do presidente afirmando, em nota, que “a comparação é despropositada, pois tenta banalizar um recurso extremo que é, ao mesmo tempo, um símbolo de resistência a um regime autoritário que não admite contestações”, e afirmou que “mais razoável seria se o governo brasileiro se preocupasse com as péssimas condições carcerárias a que estão submetidos”.⁴

O que se pode compreender novamente é que o discurso do EU aqui representado pelo então candidato a presidente mascara a verdadeira intenção do seu pronunciamento (EU') que é ocultada pela interpretação feita (EU') pelo que ele pretendia dizer.

3.5 Estratégia de fiação do discurso e construção da imagem de Lula

O sujeito Lula evidencia-se assim como o próprio fiador de seus discursos. Ele usa a sua imagem e o seu corpo para construir uma espécie de “marca” que se sobressai dos seus feitos e que valida seus discursos. “O presidente é uma pessoa carismática, envolvente e levou ao extremo a capacidade de negociação” (Veja, 29/12/2010, p. 237). A revista *Veja* vai mais além: mesmo sendo contrária ao governo Lula, ela faz menção ao então

³ O termo “face positiva” significa aqui que, ao discursar, o político precisa arrumar o seu discurso de forma a lhe favorecer uma boa imagem, ou seja, apenas o que ele tem de bom, de positivo ou que ele tenta passar como positivo.

⁴ Disponível em <http://oglobo.globo.com/mundo/comparacao-de-dissidentes-cubanos-bandidos-gera-criticas-da-oab-lula-polemica-no-pt-3042275>

candidato a presidente como “a lenda em imagens” o que comprova que a própria imagem de Lula é a fiadora do seu discurso.

A imagem que Lula carrega de si é como uma marca de seu governo e é ela que valida todo seu discurso. Sua imagem em nada desmerece a imagem de um produto de consumo, planejado intencionalmente e sustentado pela história que o aproxima da história de grande parte dos brasileiros e posto à disposição na vitrine dos comícios e suas aparições na televisão e na imprensa como candidatura vitoriosa. Acreditamos que, ao reafirmar sua história, Lula e o PT têm consciência do poder e da influência que carrega a sua imagem e no que isso pode acarretar à sua candidatura. É como se Lula comparasse a mudança no cenário político como correspondente a sua própria mudança de vida – e que ele faz questão de mostrar no documentário: a mudança que ele possivelmente poderia proporcionar ao país caso conseguisse se eleger presidente. Lula mostra-se como candidato de todas as classes, validando seu discurso na pessoa do próprio candidato, esperando que sua imagem movesse paixões junto aos seus enunciatários.

Lula empenhou-se em aplicar a cínica receita segundo a qual sua popularidade e carisma poderiam ser transformados em índices de aprovação e, combinados a sua comovente história de retirante que virou presidente, fazer dele uma lenda (*Veja*, 29/12/2010).

A publicação da revista *Veja* permite entender que a figura do primeiro operário que se elegeu presidente da república constitui o *ethos* que o levou a persuadir as classes menos privilegiadas. A representação do caráter e da corporalidade de Lula foram favoráveis a ele e o ajudaram no quesito credibilidade. O caráter e a corporalidade de Lula como ex-metalúrgico, ex-sindicalista, sempre construíram a impressão de que ele era uma pessoa do povo e que pleiteava a presidência para governar para o povo. Sua figura carismática e comunicativa é constatada pela oposição e pelos membros do seu partido, como afirma Duda Mendonça, antes do último debate na rede globo, instrui: “Solta o seu futebol, do seu jeito, animado, pra cima, o Brasil tem jeito, é isso” (SALLES, 2004).

No discurso a seguir, nota-se a capacidade de falar sobre seu cotidiano e experiências passadas durante o documentário. Lula parece gostar de relatar

fatos pessoais e não demonstra preocupação com situações político-partidárias tanto quanto os membros de sua equipe, como mostra a *cena 1*:

– “Eu trabalhava numa empresa... e a gente parava meio dia para almoçar. Eu andava de 5 a 6 minutos para ir no bar do Ramiro tomar uns goros. A gente comprava garrafa de pinga e marcava o nome da gente na garrafa, e ele guardava e ficava lá. Então a gente chegava lá... ‘Me dá minha garrafa’. E cada garrafa você não tomava uma dose. Você tomava 3, quatro doses antes do almoço. Aí eu ia almoçar... já chegava no almoço pingando de suor. Aí só via um bandeirão daqueles que você não via... parecia um pão, o pão de açúcar. [risos] Comia que nem um cavalo e você tinha que comer em 15 minutos porque você tinha que jogar bola ainda (SALLES, 2004)”.

O que Lula descreve é a cultura operária e faz de forma a *cenografar* a vida autêntica de um operário, pois parece não querer negar que essa cultura exista e que ela se dá de forma positiva. O quadro descrito por ele constitui o que Maingueneau define como cenografia e ela é constituída no seu discurso com as vivas cores de um quadro real e autêntico. Suas representações sociais, sua forma de se vestir, seu discurso com uma linguagem informal o valorizaram e renderam-lhe um significativo índice de aprovação. O fim do seu governo com mais de 80% de aprovação pode evidenciar, de fato, que Lula conseguiu transmitir a confiança cenografada nos constantes quadros enunciativos que ele teve oportunidade de “pintar” durante não apenas a campanha que enfocamos, mas também as anteriores, malogradas (DATAFOLHA, 2010). Essa confiança foi resultado da força de seus discursos e da imagem que construiu de si como presidente. É possível perceber isso também num discurso que Lula faz no sindicato dos metalúrgicos de São Paulo, com apresenta a *cena 2*:

– “Tudo que eu sou não é fruto da minha inteligência não. É fruto da consciência política da classe trabalhadora brasileira [gritos e aplausos]. Na medida em que vocês evoluíram politicamente, na medida em que vocês ficaram mais exigentes, eu tive o privilégio e quem sabe até a graça de Deus

de ter aparecido no sindicato no momento em que eu virei porta-voz de uma ansiedade que existia no meio dos trabalhadores [aplausos] (SALLES, 2004)”.

Ao dizer essas palavras, Lula se inclui na classe operária, reafirmando seu passado e se igualando aos seus eleitores que ali se encontravam. Lula causa bastante euforia ao dizer que ele é fruto da classe trabalhadora e ao afirmar que ele se transformara “porta-voz de uma ansiedade que existia no meio dos trabalhadores”. É como se ele quisesse dizer que, naquele momento, o porta-voz dos trabalhadores estivesse disputando a presidência da república.

Também é possível identificar o discurso improvisado do então candidato a presidente que aparece no documentário com uma preocupação ao discursar. O discurso improvisado oferece a condição de narrar um fato como se estivesse contando uma história, de forma cronológica, usando as repetições para lembrar os fatos sobre o qual se está discursando. Com base na necessidade de transmitir uma informação às câmeras, por se tratar de um documentário e, portanto, da observação de sua figura, o discurso do então candidato a presidente é necessariamente improvisado. Um exemplo de seus discursos irreverentes foi uma resposta dada ao repórter Kevin G. Hall do grupo Knight Ridder em uma coletiva. Ao ser questionado sobre o que eles aprenderam no tempo em que estiveram em Cuba que poderiam aplicar no Brasil Lula responde: “Nós também estamos querendo saber”. Sua resposta improvisada foi alvo de muitas risadas no local e é esse tipo de discurso improvisado que o caracteriza e o diferencia no meio político. Não se espera que um político responda um pergunta com esse tipo de resposta, causando humor em uma coletiva de imprensa. Outra fala de Lula, retirada do documentário, que define sua opinião antes mesmo de ter seus discursos polemizados pela sua improvisação, como se pode perceber na *cena 3*:

– “Veja, qual é a preocupação que eu tenho desde o primeiro prefeito que nós elegemos em 82? Qual é grande preocupação que eu tenho? É você permitir que a máquina te conquiste. Meu medo é esse: que a máquina conquiste a gente. O que é que é a maquina conquista? É você ficar preso a uma agenda, sabe, total institucionalizada, em que as regras já estão definidas e você vai ter que cumprir aquele ritual (SALLES, 2004)”.

O que é possível identificar com essa fala de Lula é que ele não gosta e teme seguir uma espécie de roteiro, de padrão. Lula parece evitar discursos pré-estabelecidos, regras definidas, rituais padronizados e foi justamente o rompimento com os paradigmas que caracterizou, polemizou e definiu o discurso político de Lula durante seu governo. É justamente nessa improvisação que se moldam os quadros enunciativos apropriados ao discurso de um ex-metalúrgico. Assim, essa espontaneidade e improvisação devem ser preservadas.

Também os vícios de linguagem que se espera dele são relevantes na montagem desses quadros, assim ficará sempre evidente que uma certa revanche será reconhecida por quem interpreta o fato nos seguintes termos: sim, um ex-operário e ex-sindicalista pode se tornar presidente, e é isso que esperamos que aconteça. Lula seria uma espécie de “avatar” do excluído, do que não teve chance, por não saber inclusive “falar”. Assim, falar é o instrumento necessário, porque a fala transporta não apenas o brado, a voz, mas a imagem, o corpo, a presença e a confiança perfeitamente medidos e adequados. Isso fica claro quando, ao pressentir a vitória das eleições, ele afirma “É que você tem que medir cada palavra”, de acordo com a *cena 4*:

– “Quando a gente não tem responsabilidade, você não tá para ganhar nada, então você não mede as palavras que fala no discurso. Mas agora, qual é o problema? É que você tem que medir cada palavra. Você fica sempre com medo do cara pegar uma palavra solta... e mudar... Então você fica... Sabe? Se policiando o tempo inteiro. E depois eu deveria me mancar e parar de falar. Mas eu não paro de falar [risos] (SALLES, 2004)”.

O documentário nos permite compreender por meio do depoimento de Lula que ele passou a moldar o seu discurso. Novamente é possível perceber que Lula tem consciência da importância do que diz e, principalmente, com faz discurso. Confirma-se aqui que Lula sabe como envolver seu público através de um discurso que o aproxima do povo, interagindo de forma a se fazer compreendido pela maioria, o que proporcionou mais de 80% de aprovação no final de seu mandato eleitoral como foi apresentado através da pesquisa feita pela Datafolha (2010).

Disso tudo, depreende-se o trabalho metuculoso em torno do evento comunicativo. É o próprio candidato Lula quem lembra, ao se manifestar nos seguintes termos, conforme a *cena 5*:

– “Olha... a grande frase do Duda numa reunião do PT: “Se vocês estão tão certos por que é que vocês não ganharam ainda? Se vocês acham que esse discurso de vocês é o perfeito, por que vocês não ganharam ainda?”. Aí o Duda pegou uma pesquisa que mostrava o seguinte: 67% do povo tinha medo da minha imagem de grevista, 70% do povo era contra a reforma agrária violenta, apesar de ser contra a reforma agrária. Então o que aconteceu? O Duda [...] falava: “Em comunicação, gente, o importante não é o que a gente diz, é como as pessoas compreendem o que a gente diz” . Então às vezes a gente tá falando uma puta duma coisa bonita, mas só você tá gostando... ninguém tá gostando... (SALLES, 2004)”.

Como se pode observar, o vídeo permite compreender que Lula e sua equipe parecem perceber a importância de polir seu discurso, adaptando-o para que seja aceito pela maioria. Podemos afirmar se há ou não intenção no seu método de discursar, como ele próprio afirma no documentário, para conseguir se fazer entendido por qualquer pessoa de qualquer classe social.

Além disso, o fato de ser eleito presidente sem formação superior incomoda certa parcela de intelectuais que não se valem da figura do presidente, mas valorizam as ideias. A própria revista *Veja* mostra sua indignação em assumir que um “retirante” sem ensino superior tenha chegado à presidência, principalmente pelo fato de Lula finalizar seu mandato com um alto índice de aprovação. As classes menos privilegiadas ouvem e vangloriam o discurso de Lula justamente por ele ser um ex-operário que conseguiu chegar à presidência. A relação de força com seu eleitorado valida seu discurso pela imagem que ele expõe e pela posição que exerce no poder público. Porém, os intelectuais fazem justamente o contrário: criticam seu discurso pondo em dúvida sua validação e sua autoridade para discursar.

É nesse ponto que o Lula assume o posto de líder, isto é, incorpora o *ethos* de líder colocando-se como figura singular e humilde. Dessa vez, é o

eleitorado que o quer de terno e gravata, ou seja, não dá mais para representar socialmente usando macacão de operário, como apresenta a *cena 6*:

– “Esses dias um companheiro do PT disse assim: ‘Porque companheiros e companheiras eu prefiro o Lula de macacão’. É porque eu não estava na reunião, mas quando eu cheguei me falaram, aí eu fui lá no microfone e falei: ‘Tem um companheiro aqui que disse que prefere Lula de macacão. Vamos fazer o seguinte, eu dou o meu macacão de graça pelo terno e gravata dele e ele vai trabalhar numa fabrica pra ele ver se é bom trabalhar numa fábrica. Sá fala isso quem não sabe o que é trabalhar de macacão numa telha de Brasilit’ (SALLES, 2004)”.

O documentário permite perceber aqui que discurso de Lula passou, então, a incorporar uma outra imagem, pois a anterior não convém mais. A provocação ganha o *status* de revanche social. É nesses termos que cremos na presença física do candidato em campanha como fiador do discurso, apresentado na *cena 7*:

– “Passei 30 anos na fábrica e não me acostumei de macacão, mas 3 dias de gravata e eu acostumei (SALLES, 2004)”.

Para ele, sua gravata, ou o nó de sua gravata, mostra-se como um fetiche do poder, emblema da posse e da autoridade, o direito de um operário de consagrar uma vitória material, um político que precisou atravessar a *via crucis* da dor e da expiação da pobreza para, agora, se redimir e levar consigo a redenção dos seus correligionários.

3.6 Ethos e corporalidade

Os antigos davam ao termo *ethos* a noção de imagem de si no discurso para ser bem sucedido por meio da oratória (denominação latina) ou retórica (denominação grega). Já n’A *retórica*, de Aristóteles, tem-se uma noção indireta de que todo enunciado é fruto de uma enunciação e que este é sustentado por um sujeito. A recuperação e desenvolvimento, nos domínios da

Análise do Discurso por Ruth Amossy (2005) e Dominique Maingueneau (2008), do conceito de *ethos* nos proporcionam um instrumento de análise de discurso fortemente vinculado à figura do enunciador. Amossy (2005) afirma que, ao tomar um enunciado, o sujeito do discurso está automaticamente construindo sua imagem e não é necessário que ele fale explicitamente sobre si. Basta que ele apresente seu estilo, suas crenças, seus domínios linguísticos para que construa a imagem que será representada. É através de seu discurso que o enunciador construirá a imagem de si, que o enunciador manifestará seu discurso e, ao mesmo tempo, implicitamente, estará dizendo quem ele é ou não. Maingueneau (2008a) define como *ethos* o tipo de fenômeno que, como desdobramento da retórica tradicional, por meio da enunciação, revela-se na personalidade do enunciador. *Ethos* é a construção do caráter daquele que produz o ato de fala pela força de seu discurso. O enunciador precisa dar ao seu destinatário (ou enunciatário) e a si mesmo um *status* para validar seu discurso conferindo-lhe uma posição institucional e marcar sua relação com um saber.

O enunciador do discurso precisa de um “fiador” do seu discurso que deverá construir uma boa impressão para o enunciatário envolvendo a enunciação. O enunciador deve envolver o enunciatário com um discurso caloroso que gere paixão, aflição ou alegria e transmita verdade, ou que pareça ser verdade, independentemente da veracidade do discurso. A comunicação não se faz com o enunciatário em si, mas com a imagem que ele constrói de si mesmo ao falar (ou escrever). Não importa para a comunicação que o enunciador seja competente, mas que ele transmita a imagem de competência.

O *ethos* do discurso precisa transmitir autoridade. Como socialmente se preserva a hierarquização das classes, essa relação de força rege também a relação de autoridade na comunicação. Dependendo do lugar onde o enunciador se localiza socialmente, sua fala vai valer mais (ou menos) para os enunciatários. É o lugar do qual o enunciador fala que constitui a autoridade do seu discurso.

Quando o enunciador faz seu discurso, não conquista a confiança dos ouvintes apenas por meio das palavras, mas também por meio de gestos, do olhar, do tom da voz. É aqui que se instala o processo da corporalidade, da presença corpórea do enunciador. Quanto mais sentidos o enunciador

conseguir alcançar, maior será a interação. O *ethos* construído pelos políticos de uma forma geral em sua comunicação com o povo (ou eleitor) é o de pessoas não confiáveis, envolvidas com projetos próprios, que se concentram nos interesses particulares e não nos desejos coletivos. Contudo, todos os políticos precisam construir uma imagem de credibilidade como fato real, na sua atividade político-discursiva. É na fala, nos gestos, no tom de voz, enfim, é através dos sentidos que o homem expressa-se e interage com os outros, como Amossy (2008) afirma:

As entrevistas que determinam a escolha de um candidato para um cargo, os comícios eleitorais, as relações de sedução, todas as declarações em que a imagem do locutor implica riscos concretos, vêm nos lembrar desse fato. É isso que os colocam no poder a fim de continuarem a ser eleitos (AMOSSY, 2008, p. 9).

No campo político, o enunciatário pode trazer uma imagem prévia, até pela influência da mídia, que pode ser favorável ou não, do enunciador só por saber que se trata de um discurso político. A ocorrência do conceito de mídia nessa análise se deve ao fato de que a existência de uma máxima autoridade, como é o caso de um presidente de país, está excessivamente condicionada a sua aparição nos meios de comunicação de massa, notadamente a TV. Portanto, toda análise se pautará na teatralização, na síntese proporcionada pela edição, e no processo de editorialização e produção da notícia. No caso do documentário, todas essas prerrogativas permanecem na condução da análise.

A forma como o discurso é construído é que autoriza a construção de uma imagem legítima de si, e é através do discurso que se estabelece uma inter-relação entre o enunciador e seu parceiro. É por meio da palavra que a imagem quer provocar impacto e se tornar aceito. O *ethos* também está ligado à validação, à legitimação do discurso. O enunciador traz consigo a função de “fiador” do seu discurso e é por meio deste fiador que o enunciador irá transmitir a veracidade do seu discurso. O que importa não é se o discurso traz veracidade, mas que pareça trazer e que consiga transmitir para o seu enunciatário. É por meio desse fiador que o enunciador irá se posicionar diante da credibilidade que ele precisa transmitir. Ao fiador é dado um *caráter* e uma *corporalidade*. O caráter corresponde aos traços psicológicos do enunciador e

a corporalidade corresponde às representações sociais que podem ser valorizadas ou não. A corporalidade aparece, ainda, na maneira de se vestir e de se movimentar do enunciador. Segundo Maingueneau (op. cit., p. 99),

o caráter e a corporalidade do fiador provêm de um conjunto difuso de representações sociais valorizadas ou desvalorizadas, sobre as quais se apóia a enunciação que, por sua vez, pode confirmá-las ou modificá-las.

Portanto, a produção de sentido não existe por si só, mas depende de fatores históricos, das intenções transmitidas pelo enunciador, da ideologia contida nos discursos, da adaptação do discurso à cena da enunciação, enfim, de fatores que antecedem e norteiam o discurso. Maingueneau (op. cit.), concebe, nesse aspecto, três campos de identificação e análise de um discurso:

1. a *cena englobante*, que classifica o discurso em um gênero. No nosso caso, trata-se de um discurso caracterizado em termos de gênero como *documentário*;
2. a *cena genérica*, que descreve a especificidade do gênero, ainda no nosso caso, um documentário sobre um candidato a presidente em campanha, praticamente, uma reportagem estendida;
3. e finalmente, a *cenografia*, que descreve os termos ainda mais precisos a partir dos quais o documentário surge. Trata-se pois de um documentário sobre os últimos dias da campanha em segundo turno da eleição do então candidato a presidente Lula, com foco na sua pessoa e na dos demais assessores, de sua mulher que o acompanha, enfim, na imagem de todo o *cast* formado por outras pessoas com funções auxiliares.

É precisamente na *cenografia* que se evidencia o *ethos* e a corporalidade do enunciador; é nesse domínio que se fecham as principais estratégias de validação do discurso. Como afirma Maingueneau (op. cit., p. 90), “o discurso político mobiliza cenografias variadas na medida em que, para

persuadir seu co-enunciador⁵, devem captar seu imaginário e atribuir-lhe uma identidade, por meio de uma cena de fala valorizada”. Portanto, o discurso político, deve escolher tanto um gênero de discurso adequado ao público que discursa, quanto de uma cenografia conveniente.

⁵ O termo “co-enunciador” corresponde à nomenclatura “enunciatário” utilizada em Patrick Charaudeau.

IV ANÁLISE DO DISCURSO DE LULA

Esta parte da pesquisa dedicar-se-á à análise do documentário, mas antes serão feitas algumas contextualizações que se tornam indispensáveis para a análise do tema em questão. Foi feita, primeiramente, uma análise sobre o gênero documentário para elucidar o leitor sobre o gênero em foco. Posteriormente, situaremos a história de Lula que é o personagem principal desta pesquisa e do documentário trabalhado. Em seguida, foram abordadas as variantes linguísticas evidenciadas no discurso de Lula, alvo de tantas críticas por parte da mídia e da oposição ao seu governo. Logo após, tem-se a análise do documentário mediante as teorias apresentadas no decorrer deste trabalho e, por fim, apresenta-se as abordagens feitas a respeito das estratégias de fiação do discurso, bem como a análise da imagem de Lula criada em decorrência do seu discurso político.

4.1 O documentário como gênero enunciativo

Os gêneros discursivos estão presentes na comunicação de forma geral. Assim, segundo Mikhail Bakhtin (1992) afirma que, mesmo aqueles que ignoram a existência de gêneros do discurso, fazem uso deles. Diferente do documentário, alguns gêneros possuem uma marca visual prévia que os distingue dos demais como o texto de jornal, ou o poema e alguns possuem uma marca linguística como os textos narrativos infantis, o gênero carta, as anedotas entre outros.

O documentário como gênero textual carrega algumas características bem peculiares, pois se aproxima de uma produção jornalística por apresentar procedimentos como escolha de plano, preocupação estética de enquadramento, iluminação e montagem, separação das frases de pré-produção, produção, pós-produção etc. Porém, se afasta do gênero filme e se caracteriza como documentário na medida em que procura manter uma relação de grande proximidade com a realidade e ao se ajustar a normas como a não direção de atores, os cenários naturais tal como são, o uso de imagens de arquivo e etc.

Podemos exemplificar essa distinção no filme *Contato de 4º grau* (2009) aborda a abdução alienígena e relata contatos com seres de outro mundo, dos quais o quarto contato é a abdução. Para transmitir a ideia de veracidade e convencer os espectadores, o filme apresenta durante as cenas, imagens apresentadas como reais, assim como relatos da personagem que é interpretada no filme, simultaneamente às imagens interpretadas pelos atores. Portanto, a utilização de imagens reais não se restringe apenas ao gênero documentário.

Além disso, temos, ainda, outra característica que diferencia o documentário do filme é que, no documentário, os diálogos não são escritos previamente, mas produzidos espontaneamente. O diretor não tem total controle da atuação nas filmagens, pois o desenrolar da história pressupõe uma autonomia, uma liberdade que não é possível encontrar no gênero filme. E mesmo que haja um roteiro a ser seguido, o resultado final só é definido após a filmagem, diferente dos filmes que, no próprio roteiro, é definido como resultará a história.

Outra característica do documentário é o diálogo do sujeito filmado. Para Penafria (1999, p. 109) no documentário, “a perfectibilidade do filme dialoga com a imperfectibilidade dos ‘intérpretes’, personagens reais do mundo existente”. Como as conversas não podem seguir um roteiro justamente por se tratar de um documentário, não é previsível o que irá ser captado pelas câmeras e, por isso, o documentário é considerado um “argumento encontrado”.

Uma característica importante do documentário é o fato de possuir um discurso pessoal de um acontecimento que dá importância à presença mínima de verossimilhança, literalidade e a preocupação com as evidências factuais. Caso isso não aconteça, o documentarista às vezes se utiliza de imagens de arquivo, ou reconstituição dos acontecimentos, ou depoimentos de pessoas envolvidas nos fatos ocorridos.

Perante essas características, o documentarista não precisa estar presente no exato momento do acontecimento dos fatos. É possível que ele esteja, por exemplo, posteriormente ao acontecimento e faça uma referência aos fatos ocorridos no passado a partir de interferências no presente, através de reconstruções de cenário para melhor visualização dos espectadores. É

possível também que ele volte ao local dos acontecimentos para fazer entrevistas com as pessoas envolvidas na história de forma a reviver os acontecimentos do passado no presente.

O documentário também se aproxima do gênero jornalístico se for comparado o discurso sobre o real e a utilização de imagens no local nos quais os fatos aconteceram. A narrativa factual de ambos os gêneros, se aproxima também por manterem uma narrativa factual referindo-se sempre a um mundo real.

Outro ponto importante a ser abordado sobre o documentário é a polifonia. Nele, a costura de vozes é feita de forma a transmitir para o telespectador o ponto de vista do diretor. É como se fosse uma assinatura do diretor. O documentário é trabalhado para que as vozes apareçam do ponto de vista do diretor. A própria organização e sucessão de cenas revela o ponto de vista do documentarista em relação ao seu documentário.

É possível também identificar a presença do narrador em alguns documentários, já que não é obrigatória a sua presença. Nos documentários, através de sua narração, o narrador junta os depoimentos ou cenas captadas pelas câmeras dando-lhe coerência a sucessão de cenas que compõem a narrativa.

Diante disso, podemos identificar que, num documentário, há a presença da polifonia, do interdiscurso, da heterogeneidade enunciativa, pois, apesar de captar imagens reais e não possuir um roteiro previamente construído, há uma organização por parte do documentarista de forma a obter como produto final um documentário com o posicionamento, a ideologia do diretor. Temos então a presença do diretor, a “voz” do diretor que fala por trás das imagens dando ao documentário um efeito autoral.

Sírio Possenti (2001) afirma que um autor se mostra não apenas na escrita e que é necessário reformular alguns conceitos sobre autoria:

Os elementos fundamentais para repensar a noção, imagino, são os seguintes: por um lado, deve-se reconhecer que, tipicamente, quando se fala de autoria, pensa-se em alguma manifestação peculiar relacionada à escrita; em segundo lugar, não se pode imaginar que alguém seja autor, se seus textos não se inscreverem em discursos, ou seja, em domínios de “memória” que façam sentido; por fim, creio que nem vale a pena tratar de autoria sem enfrentar o desafio de imaginar verdadeira a hipótese de uma certa pessoalidade, de alguma singularidade. Ou seja, se se aceita que tudo se resume apenas a uma

inscrição de sujeitos em posições prévias, a assujeitamento, então, a noção de autor deve ser resolvida a navalhadas (POSSENTI, 2001, p. 17).

Como é possível perceber, ele critica a ideia de autor apenas na escrita. Isso significa que o autor também aparece assinando sua marca nos meios audiovisuais de forma a marcar sua posição. Possenti (2001) acredita que o autor se manifesta ao dar a sua voz a outros enunciadores e também ao se posicionar. E é isso que ocorre num documentário quando o documentarista une o conjunto de fatos revelando seu posicionamento.

Por outro lado, o documentarista deseja convencer seus telespectadores de que seu objeto tem uma moral. Apesar de conter diversos discursos em um documentário, apenas uma voz ascende no documentário: a voz que carrega consigo o ponto de vista do diretor. E no documentário *Entreatos*, temos como predomínio o discurso de Lula.

4.2 – A trajetória de Luis Inácio Lula da Silva

A história do então candidato a presidente tem início na cidade de Garanhuns, Pernambuco, com o seu nascimento, em 1945. Ao mudar-se para o sudeste do país com a família, aos sete anos, na condição de um “pau de arara”⁶, inicia uma trajetória que passa pelo operário metalúrgico, pelo sindicalista e presidente de sindicato, pelo político fundador de partido, o PT- Partido dos Trabalhadores, e culmina como presidente da república, em 2002. Antes, porém, disputou três vezes a presidência, a primeira em 1989, contra Fernando Collor de Mello, e em 1994 e 1998 contra Fernando Henrique Cardoso, derrotado em todas as três. Em 2002, disputando com José Serra, foi eleito presidente, numa campanha cujos bastidores deram origem ao documentário *Entreatos* (2004), sob a direção de João Moreira Salles, com duração de 117 minutos. Nele, assiste-se a Lula, em suas viagens com assessores, em aviões, dentro de carros, nos bastidores das gravações dos programas eleitorais, nos corpo-a-corpo das ruas em campanha, nos corredores dos hotéis e nos bastidores do debate televisivo, etc.

⁶ Termo com o qual se denomina o imigrante nordestino que viaja em carrocerias de caminhão.

É importante frisar que num documentário não se pode imaginar que se terá acesso a absolutamente todas as informações ou a todas as conversas, principalmente em se tratando de um documentário que envolve uma candidatura à presidência da república. Dessa forma o documentarista explora, desde as primeiras imagens do documentário, uma imagem bastante reveladora: trata-se de uma porta se fechando, talvez querendo com isso dizer que em muitos momentos das gravações não era possível estar presente, dado que uma campanha guarda segredos de equipe e de estratégias exclusivas pensadas passo a passo, minuto a minuto. Dessa forma, nosso *corpus* se caracteriza como uma síntese de um documentário, em torno de eventos cujos desfechos já são conhecidos, isto é, a vitória em segundo turno contra seu oponente. Caracterizamos, pois, o documentário como material áudio-visual, editado, espontâneo no sentido de não ensaiado.

Lula conseguiu se fazer compreendido por todas as classes sociais, e consagrou sua imagem principalmente entre as classes menos favorecidas. Em seus discursos, o então candidato a presidente conseguia adaptar seu gênero discursivo à cenografia proporcionando identidade própria aos discursos que lhe renderam polêmicas e popularidade. Mesmo a revista *Veja*, que se opunha ao seu governo, publicou em 29 de dezembro de 2010, à página 235, que, “para ele (Lula), o governo tem sido um palco iluminado diante do qual nunca faltou platéia.” Também afirmou que “como os atores e certas teorias astrofísicas sobre o universo, Lula só existe observado”. O mesmo poderia ser dito, em maior ou menor grau, de qualquer político, ou mesmo de um partido, principalmente quando esse partido é o PT, que surgiu com proposta de renovação dos quadros da política “velha” e corrompida.

O PT é um partido político criado em 1980 por Lula e seus companheiros. Com seu nascimento, o PT adquiriu não só uma estrela vermelha como seu signo, mas também a figura de um metalúrgico que posteriormente veio a ser eleito o presidente do Brasil. Fato relevante é que Lula é uma das figuras mais expressivas da histórica política brasileira e, concomitantemente, do PT. Lula ficou maior que seu partido. Com ele surgiu o que podemos chamar de “lulismo”, que trabalha mais com valores simbólicos, que contribui para a sua transformação, e apela mais à emoção que à razão.

Ele aparece com um discurso envolvente, movedor de emoções, envolvendo paixões para transmitir verdade, independente da veracidade do seu discurso.

No documentário, assiste-se a um personagem, protagonizando sua própria história a partir de um modo próprio de conduzir o discurso político. Contudo, pela primeira vez na história, a figura do presidente parece valer mais do que seu próprio discurso. Esse modo de perceber o discurso, entretanto, tem a ver com os instrumentos teóricos de Análise do Discurso, que consiste em perceber os enunciados na enunciação.

O acompanhamento da reação do público a cada intervalo do debate televisivo em tempo real era acompanhado pela equipe como termômetro do desempenho do candidato.

Abordar um discurso que emana de um documentário significa considerar certos arranjos intencionais que mascaram um pouco certas contingências inconscientes. Teremos que prever certa dose de intencionalidade, principalmente no que concerne à construção do *ethos*. De qualquer forma, uma campanha presidencial tem o único objetivo de conciliar a figura do candidato com um projeto ético e fazer crer.

No documentário em questão, a equipe de produção se instalou nos comitês de campanha, nos bastidores dos debates televisivos, nas dependências dos hotéis onde se hospedavam o então candidato com a família, a bordo de avião tipo jatinho ou mesmo de automóvel, para acompanhar de perto, captando imagens, às vezes, invasivas de alguns momentos da intimidade do principal personagem envolvido. O resultado é um material editado de tal forma que privilegia o espontâneo, o casual, mas também o inusitado, em torno do trabalho diligente de apresentação e consagração de um candidato com largas chances de vitória, em estratégias de organização de uma agência de publicidade, liderada por um publicitário consagrado, Duda Mendonça, nas quais não pode haver falhas, pois o discurso político deve ser construído com linguagem formal, prestigiada pela sociedade de forma geral e preeminente perante a sociedade ocidental. Quando se trata de um evento em que se “vende” um produto, no caso, a figura poluta e bem sucedida de um candidato, o público é “inconscientemente” exigente. Qualquer deslize acarretará na desconstrução e manutenção de uma boa imagem (ver anexo 1).

Como o diretor relata no documentário, ele estava previsto para ser gravado no segundo turno, pois a intenção era acompanhar Lula durante as três semanas do primeiro turno. Entretanto, as pesquisas começaram a mostrar que Lula poderia vencer as eleições no primeiro turno. O documentarista, então, começou as gravações no dia 25 de setembro de 2002, onze dias antes do primeiro turno. É possível perceber que a campanha de Lula naquele ano era diferente, tinha chances reais para vencer. Então, qual seria a diferença das campanhas de Lula antes 2002, já que não era a primeira vez que ele se candidatava à presidência? É o que se pode ver na conversa entre Lula e José Graziano da Silva, seu assessor, sobre as filosofias de Lula a partir de em 1989, em relação às eleições, conforme a *cena 8*:

– “Todos os movimentos que você fez a partir de 89 foram pra fora do PT. Você tinha clareza de que não era um partido só que ganhava a eleição num país tão complexo e tão heterogêneo. Acho que essa era a diferença dele (SALLES, 2004)”.

E Lula complementa:

– “Lembro... Oh, Tom, há uma coisa que é o seguinte, olha: quando eu digo que não tem nenhum partido no mundo com as características do PT, é porque não tem. Não tem similar (SALLES, 2004)”.

Nota-se que Lula e sua equipe, ao afirmar que “não era um partido só que ganhava a eleição num país tão complexo e tão heterogêneo” (SALLES, 2004) e que “não tem nenhum partido no mundo com as características do PT”, eles estão evidenciando a influência do PT como um partido diferente, com propostas de mudança, mas acima de tudo estão evidenciando a imagem de Lula que, como afirmou José Graziano, o partido sozinho não ganharia as eleições. A presença de Lula era indispensável no resultado das eleições, apresentado na *cena 9*:

– “O partido tem que exercer o papel de partido e ser uma espécie de consciência crítica do governo, diante da sociedade. Mas o partido não pode abandonar o seu governante porque o governante não está fazendo aquilo que o partido há dez anos atrás colocou no programa que era pra ser feito. Ate

porque cada dirigente do partido, como eu, não consegue cumprir os compromissos que a gente faz pra mulher da gente, pros filhos da gente, a vida inteira. E nem por isso a gente é mau pai, mau marido, sei lá, ... (SALLES, 2004)”.

Nesse trecho, é possível perceber a relação entre candidato e partido. Lula mostra que há diferença e parece mostrar que o candidato é superior ao partido, ou seja, que a função de um partido é dar apoio, mas quem governa é o eleito.

A figura de Lula é maior do que a do PT. O que existe não é o “petismo”, mas o “lulismo”. Lula se tornou a identidade do PT. Não há como desvincular sua imagem da imagem deste partido, como aparece na *cena 10*:

– “No Brasil hoje – e esse é um dado muito triste pro Brasil, não é um dado muito bom –, no Brasil hoje, a única figura de dimensão nacional sou eu. Mas, por que é que eu cheguei aonde cheguei? Porque eu tenho por detrás de mim um movimento. Eu tenho por detrás de mim uma grande parte da igreja católica, a base da igreja católica... Eu tenho por detrás de mim uma grande parte dos estudantes, do PT, a CUT ... É muita coisa. Aliás, nenhum político brasileiro nunca teve o alicerce que eu tenho (SALLES, 2004)”.

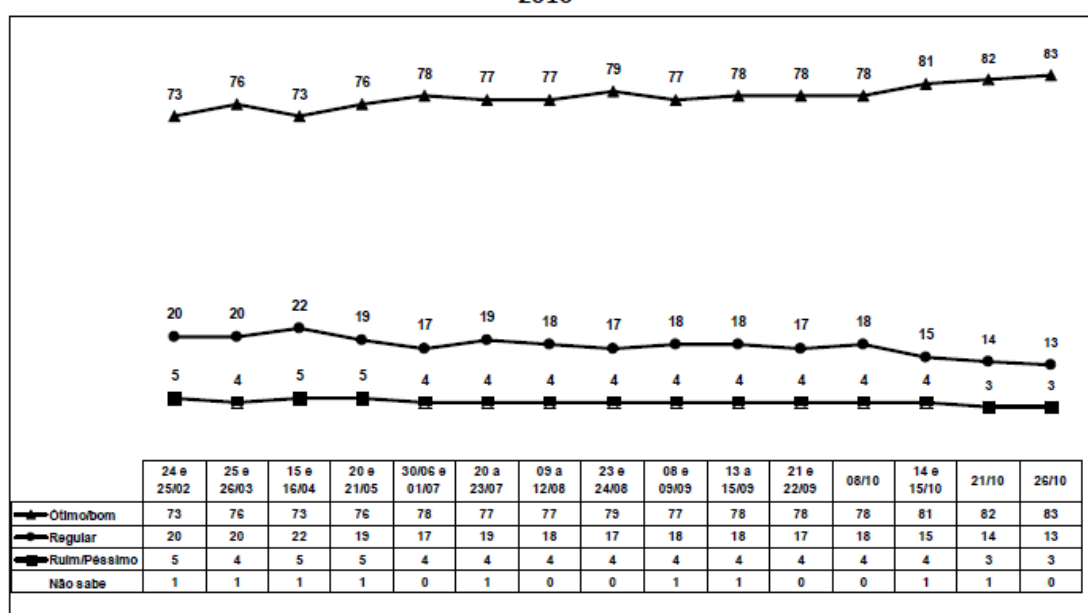
Esse depoimento de Lula deixa a entender que ele tem consciência de que a imagem de si que ele carrega é superior à imagem do partido político que ele criou. Como ele próprio afirma, sua imagem é o que atrai pessoas para seu partido político e não o inverso. É possível notar também como as pessoas reagem à figura de Lula nas ruas e nos comícios. Lula parece uma pessoa de fama, no qual todos querem se aproximar para cumprimentá-lo. É possível perceber no documentário o resultado de seu alto poder persuasivo através do seu discurso e da sua imagem já nos resultados do primeiro turno, como o *Entreatos* mostra na *cena 11*:

“Lula obteve 46,4% dos votos válidos. Faltaram-lhe 3,5 pontos percentuais para eleger-se presidente da República no primeiro turno. José Serra, segundo colocado, obteve 23,2% dos votos (Salles, 2004)”.

Como afirma Duda Mendonça e o documentário apresenta na cena 12 “nunca um presidente da república no Brasil teve tantos votos como você teve no primeiro turno” (SALLES, 2004). O resultado da própria eleição do primeiro turno já indicava que o discurso de Lula era envolvente e o poder da imagem de Lula.

O presidente encerrou seu mandato com uma marca positiva nas pesquisas com mais de 80% de popularidade como mostra a pesquisa do Datafolha em 2010:

**Evolução da avaliação do governo de Luiz Inácio Lula da Silva
(Resposta estimulada e única, em %)
2010**



Fonte: Na sua opinião o presidente Lula está fazendo um governo:ótimo, bom, regular, ruim ou péssimo?

Base: Total da amostra - Brasil

www.datafolha.com.br

Datafolha
INSTITUTO DE PESQUISAS

DATAFOLHA; On-line. Disponível em: <www.datafolha.com.br> Acesso em 27 de outubro de 2010.

No documentário, a presença da câmera estimula Lula a sempre aparecer contando uma história, analisando a própria trajetória, e, mesmo nos intervalos em que ele poderia descansar, esta atividade não cessa, já que ele sabe que está sendo filmado, observado e que, portanto, representa para a câmera. Essa representação não parece ser falsa, até porque o conceito de *verdade* não opera na Análise do Discurso produtivamente. O teatro que ele “encena” mostra-se sincero, pois parece ser o teatro que ele desejou encenar. Uma vez eleito, o documentário mostra Lula sentado no chão com Marisa, sua

mulher, ao seu lado. Nesse momento, ele parece se comover sinceramente, até porque essa não pareceu ser para ele uma campanha angustiada, pois Lula transmite através do documentário não ter dúvidas de que seria eleito.

4.3 – As Variantes Linguísticas no Discurso de Lula

Desde que Lula se tornou uma pessoa pública, ele foi alvo de crítica por não usar a Língua Portuguesa em acordo com a língua formal, como percebemos nessa fala retirada do documentário *Entreatos* (2004), como aparece na *cena 13*:

– “Graziano, é o seguinte: eu quero que você entre em contato com o Trale e dizer para ele que se ele quiser a gente pode afazer um texto para ele gravar na televisão hoje (SALLES, 2004)”.

Ao pedir para José Graziano, um de seus assessores, que ligasse para solicitar apoio político, Lula comete variantes como “eu quero que você entre em contato com o Trale e dizer para ele” e a troca do verbo “fazer” como “afazer”. Esse tipo de variante linguística é o que não se espera de um candidato à presidência, pois há a mentalidade que um candidato à presidência deve ser um homem culto, utilizador de um português rebuscado.

Como é esperado, as críticas vêm principalmente daqueles que antipatizam com as posições políticas de Lula. Ele apresenta uma variante linguística o que o diferencia no seu discurso político. Ele fala bem porque se faz comunicar. A revista *Veja* (29/12/2010, p. 235) se expressou:

Sob Lula, corrompeu-se a linguagem, depravaram-se hábitos, deterioraram-se instituições, princípios universais degradaram-se em bandeiras de ocasião (*Veja* 29/12/2010, p. 235).

O que a revista deixa compreender é que, para certa parte da população brasileira, Lula comete “erros de português”, o que não corresponde com o que se espera de uma figura pública. O fato é: se Lula comete “erros” é justo observar que não é o único. Há sempre aquele que, por exemplo, diz ter “assistido um filme” e logo depois se lembra de que a regência da gramática

normativa prega que esse uso é “errado”. Então a pessoa se “corrige” e refaz o enunciado dizendo ter “assistido a um filme”. A crítica em cima do então candidato à presidente quanto essas variantes cometidas por ele também se deve pelo fato de Lula ter sido candidato a presidência e, posteriormente, eleito e não possuir nível superior completo. Essa preocupação como a norma culta incomoda ao Lula por ser alvo de críticas e pode-se perceber sua preocupação quando ele diz na Sala VIP, aeroporto de Congonhas, São Paulo, apresentado na *cena 14*:

– “Um exemplo para mim [sic] votar no Lula é o exemplo de Machado de Assis. Ele não tinha diploma e foi ele quem fundou a ABL. Sabe que o Aleijadinho não frequentou nenhuma escola? (SALLES, 2004)”.

Imediatamente ele é cortado por Ricardo Kotscho, coordenador da equipe de imprensa, que o interrompe dizendo:

– “Lula, deixa eu te falar uma coisa aqui que um monte de jovens vieram comentar comigo, várias pessoas... Que é para você parar de falar nesse assunto que já deu o que tinha que falar. Você fala todo dia, toda hora nisso aí (SALLES, 2004)”.

É possível perceber que Lula busca argumentos e exemplos na história do país de personalidades que se destacaram em suas áreas mesmo sem possuir ensino superior como ele. Lula chega a citar Machado de Assis, um dos maiores escritores brasileiros que, não possuíam ensino superior e foi membro da Academia Brasileira de Letras, uma das maiores referências dos grandes gênios da história da literatura brasileira. Também atinge a sua equipe e é possível perceber que levantar esses assuntos incomoda quando seu coordenador de imprensa o instrui a não fazê-lo mais.

A linguagem possui diversas possibilidades de manifestação e Lula atingiu seus objetivos através dela. Em sua Tese de Doutorado em Língua Portuguesa intitulada “O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança”, OLIVEIRA (2006) contata os maiores índices de variantes feitas por pessoas de nível superior:

Analisa-se a variação na expressão do futuro em português, do ponto de vista diacrônico (desde o século XIII). No estudo de tendência (anos 70 e anos 90 do século XX), são consideradas as modalidades escrita e falada da língua. Os dados são todos representativos de um nível ou estilo lingüístico culto (documentos e cartas formais ou editoriais de jornais para a escrita e entrevistas com informantes de nível superior completo para a fala). Essa variação apresenta seis variantes: a) o futuro simples (viajarei amanhã); b) o presente (viajo amanhã); c) a perífrase com ir no presente (vou viajar amanhã); d) a perífrase com ir no futuro (irei viajar amanhã); e) a perífrase com haver no presente (hei de viajar amanhã); e f) a perífrase com haver no futuro (haverei de viajar amanhã) (OLIVEIRA, 2006, p. 252).

Essa questão faz refletir sobre nosso idioma: Falamos a Língua Portuguesa ou a Língua Brasileira? A gramática normativa segue a linha do português de Portugal e o temos é o desuso de algumas normas como o uso do “tu”. OLIVEIRA (2006) faz perceber que a evolução do português lusitano que ainda é utilizado na gramática como, por exemplo, o uso do pronome “tu” que, na fala, só é utilizado de acordo a norma culta gramatical pelos habitantes do sul do Brasil, já não coincide tanto com a fala do brasileiro. De forma geral, o pronome “tu” foi extinto na fala do português do Brasil. Ao questionar as diferenças entre o português do Brasil que se diferencia do português de Portugal Eni Orlandi (2005) afirma que:

Estamos diante de línguas que são consideradas as mesmas – as que se falam na América Latina e na Europa – porém que se marcam por se historicizarem de maneiras totalmente distintas em suas reações com a história de formação dos países. É o caso do português do Brasil e o de Portugal. Falamos a “mesma” língua, mas falamos diferente. O português brasileiro e o português português se recobrem como se fossem a mesma língua, mas não são. Produzem discursos distintos, significam diferentemente (ORLANDO, 2005, p. 30).

O discurso de Lula é intencional porque ele quer se comparar ao povo, pois mesmo sem estudos pode ser comparado a outros grandes como Machado de Assis, um ícone na nossa Literatura Brasileira que conseguiu escrever praticamente todos os gêneros literários de sua época. Até quem não possui estudo pode ser valorizado como Machado de Assis foi. No Brasil, o preconceito lingüístico tem como base os principais elementos de ensino da Língua Portuguesa: as regras da gramática tradicional adotadas ainda em algumas nas escolas, os métodos tradicionais de ensino de regras. Bagno

(2009) deixa claro que o preconceito linguístico existe entre falantes da Língua Portuguesa falada no Brasil quando indaga.

De que modo poderemos romper o círculo vicioso do preconceito linguístico? Como conseguiremos escapar do igapó estagnado e mergulhar nas águas dinâmicas e vivificantes do grande rio da língua? (BAGNO, 2009, p.105).

A norma culta ainda ensinada em muitas escolas como a única verdade em relação à língua portuguesa, e não é levado em conta que, apenas a um pequeno grupo é reservado o direito de compreender a norma culta da Língua Portuguesa. A norma culta pregada pelos gramáticos tradicionais é baseada em um ideal para a Língua Portuguesa tomando como ponto de referência o português de Portugal, sem considerar a língua realmente falada no país. O que acontece com Lula é que, o modo de falar do então candidato a presidente é mais próximo da fala dos brasileiros, até mesmo dos cidadãos de classe média, pelo fato de seu discurso vir se transformando com o tempo, como é possível notar. Lula fala o que Orlandi (2005) chama de português brasileiro, que se distancia gradativamente da gramática normativa da Língua Portuguesa.

No documentário, o gaúcho Alfeu Dick e Silva pegou carona no táxi aéreo do presidente Lula em Florianópolis. Perdera o avião, mas num encontro rápido com Lula, acabou ganhando a carona. Alfeu fala o que uma parte da população considera sobre Lula, como aparece na *cena 15*:

– “Eu sou dum tempo e escutava uma geração falar que todo mundo tem que ser doutor, quem tem que governar é a elite, sempre teve aquela imagem assim. E o povo muitas vezes não acreditava na força dele mesmo, não acreditava que ele pudesse mudar e que ele tinha a forma de mudar as coisas. E hoje tu vê o Lula, o cara era um torneiro mecânico, uma personalidade que escapou da seca do nordeste, ele foi presidente do sindicato, ele perdeu um dedo trabalhando, ele foi um cara que comeu um monte de ‘r’ e ‘s’ na televisão e todo mundo falava “ah, Lula é um cara que não sabe falar”. E hoje, cara, ele é a maior liderança política do Brasil disparado. É personalidade política mundial internacional. E essa mudança de mentalidade é que faz que a gente veja que o país está mudando mesmo (SALLES, 2004)”.

O relato de Alfeu mostra o que uma outra parte da população pensa a respeito da variante linguística de Lula. Para alguns, o fato de Lula cometer variantes linguísticas, não o impede, nem o diminui na política. Alfeu, assim como Lula, reafirma o passado de pobre do candidato assim como reconhece que ele comete variantes linguísticas em seus discursos na televisão e, em seguida menciona a figura de Lula como “personalidade política mundial internacional”. Essa fala dele parece mostrar que Alfeu, assim como muitos brasileiros, associa o passado de Lula, e até mesmo suas variantes linguísticas, ao sucesso da sua imagem. E ele conclui que essa mudança na forma de se eleger a figura política mostra, na visão dele, que o Brasil está mudando, pois, agora, não é mais o “doutor” que se elege, como ele mesmo menciona.

Ao responder à equipe do documentário qual era seu nome, Alfeu ao dizer o sobrenome “Silva”, se mostra orgulhoso ao concluir dizendo: “sou parente do cara!”. Com Lula, as pessoas começavam a demonstrar orgulho de carregar o “Silva” no sobrenome que, antes, era comum, simples.

Outro ponto importante é perceber que as variantes linguísticas do então candidato a presidente são cometidas cada vez menos. Podemos perceber isso no próprio documentário no qual, além de afirmar que ele (Lula) passou a medir cada palavra, o índice de variantes cometidas pelo então candidato a presidente é bem reduzido num documentário de 117 minutos. O fato é que, quando alguém critica Lula quanto sua forma de falar está criticando Lula quanto à sua forma de falar, está criticando Lula diretamente. Por isso percebemos essa crítica em grande parte pela oposição de seu governo representado, neste trabalho, através da revista *Veja*.

4.4 *Entreatos*: o discurso político nos bastidores de uma campanha vencedora

Entreatos é uma obra documental que mistura estilos, pois o filme abre com a intervenção de seu realizador, explicando como surgiu a ideia, o conceito da obra, e de como se sucedeu o processo. Em sua maior parte, a

obra adota um estilo observacional, na qual a câmera funciona apenas como o olhar do espectador dentro da campanha; já em outros momentos, membros da equipe aparecem, microfones vazam, vemos reflexos do câmera, elementos de um estilo documental expositivo, que tem como prioridade o argumento, o ocorrido em si, e não sua parte estética e subjetiva. Essas intervenções quebram com as características do estilo observacional.

O diretor João Moreira Salles explica que, com o decorrer das gravações, ele se interessou pela pessoa do candidato e hoje então candidato a presidente Lula, com a forma com que ele lidava com questões mais íntimas de sua vida, não da particular, mas da vida pública, demonstrando um direcionamento na abordagem da obra, e justamente aí surge um ponto interessantíssimo deste documentário: até onde a presença da câmera influencia o personagem? Até onde a intimidade, a forma de ser e lidar de Lula é alterada pela presença da câmera? Um ponto interessante a ser observado no documentário é a forma como Lula trata seu barbeiro, logo no início do documentário. Ele o trata com carisma e intimidade, comentando que, na semana seguinte, ele poderia voltar como presidente já eleito. Essa cena nos faz refletir sobre até onde o presidente realmente é assim ou está encenando para as câmeras. Essa intimidade com pessoas comuns e mais simples são atitudes corriqueiras, ou influenciadas pelas câmeras? Esse é um ponto, fruto de intermináveis debates por parte de documentaristas e de seus espectadores.

O filme tem pontos de divisão bem demarcados pelos turnos da eleição, o próprio título faz menção a isso. Desde o seu início, todos parecem ter certeza da vitória de Lula – o fato de o espectador já saber o resultado da eleição ajuda nesse sentimento – e é muito conveniente para Salles mostrar Lula pela primeira vez fora do seu círculo político, indo justamente a um barbeiro simples, que não remete à figura de um presidente, e a forma como ele trata os funcionários da barbearia ressalta a simplicidade do homem que veio do povo para governar o país. Mas aí voltamos ao grande questionamento da obra, questionamento este sem resposta.

Um ponto importante a ser observado no documentário é a inquietação de Lula com a presença da câmera. Ele parece sentir a necessidade de falar. Nota-se isso quando ele olha para a câmera e mostra, no avião, inquietação

com os pés mexendo e só para quando começa a discursar para a equipe do documentário, falando sobre sua vida de modo geral. Outro momento que deixa claro isso é ao tomar um copo d'água que ele o leva à boca, mas não toma a água, pois está cantando o hino da bandeira brasileira. Ele não chega nem a tomar a água, abaixa o copo e começa a contar a história descrita na *cena 16*:

– “Nas greves de 80, inventaram a ideia de que se a gente cantasse o hino nacional, o hino da independência que a polícia não batia na gente. Eu comprei um livro que tinha todas as músicas e que tinha o hino do soldado brasileiro, né. Ai, como era, meu Deus do céu. ... Ah, não lembro. Era um hino bonito. E ai nós fomos para o estádio da vila Euclides e eu falava “quando a polícia vier vocês cantam o hino do soldado”. Quanto mais cantava, mais porrada a gente tomava [risos] (SALLES, 2004)”.

É notório que Lula deixa de beber sua água para falar do seu passado, mais uma vez, reafirmando sua história de luta em prol do país. Em outro ponto do documentário, no avião, em direção a Macapá, Lula também aparece com o olhar fixo nas câmeras e, logo em seguida, ele começa a falar sobre suas experiências e opiniões. Essas atitudes de Lula fazem acreditar que ele tem a intenção, além de reafirmar seu passado, de se apresentar para as câmeras, pois chega a esquecer de tomar o copo d'água que está em suas mãos para falar dele mesmo.

Após a confirmação do segundo turno, fato que é visto como uma derrota pelo protagonista e os membros de seu partido, o filme ganha força e acompanha todo o projeto do segundo turno. Interessante constatar a ironia do fato de que a existência do segundo turno engrandece a obra, e deve ter sido motivo de celebração entre seus realizadores, indo diretamente contra o sentimento de seu protagonista. Entretanto, a quatro dias das eleições do segundo turno, viajando entre Dourado (MG) e Florianópolis, Lula parece saber da sua vitória e, com lágrimas nos olhos, afirma na *cena 17*:

– “Se domingo à noite der o resultado e confirmar que eu venci as eleições, eu te confesso que nem eu sei como é que eu vou reagir. Porque... é

uma coisa... tão... é uma coisa que tá tão fora da sociologia... não tava no livro que eu poderia chegar onde cheguei. Ou alguém igual a mim, chegar onde eu cheguei (SALLES, 2004)”.

Lula afirma, nesse momento, que a sua vitória é um fator certo antes mesmo do segundo turno. É como se ele precisasse passar pelas eleições apenas para confirmar que venceu, mas ele e sua equipe já têm a certeza de que a vitória seria certa.

Seguindo a mesma estrutura do primeiro turno, o filme caminha até o dia da eleição e a confirmação da vitória de Lula nas urnas. Ao ser questionado pelo documentarista, no avião, nessa mesma viagem, se ele gostaria de ficar sozinho Lula responde na *cena 18*:

– “Primeiro eu tenho um vício. Eu tenho um vício que é o seguinte: eu gosto de agitação, de muita gente. Agora, tem dia que o meu maior desejo era ficar meia hora sozinho num lugar. Eu, por exemplo, gostaria de almoçar sozinho e depois fumar minha cigarrilha sem ter ninguém pra falar comigo... Eu sozinho sentado num lugar... não ouvir telefone... nada. Mas isso é impossível. E eu acho que vai ficando casa vez mais impossível. De qualquer forma, eu escolhi essa vida (SALLES, 2004)”.

Percebe-se uma assinatura do documentarista quando ele encerra o documentário com a imagem de Lula, após sua vitória nas eleições indo ao encontro aos fotógrafos, criticados por ele durante o documentário por não lhe darem sossego, e desaparecendo entre eles. O documentário poderia ter sido finalizado, por exemplo, com a porta sendo fechada e só deixando, entre suas frestas, a imagem de Lula já eleito e em reunião com sua equipe. Mas o documentarista vai mais além e encerra com a imagem que faz uma conexão com a resposta dada ao documentarista sobre Lula e a solidão. Salles parece querer mostrar que, a partir de então, Lula terá a vida que ele escolheu: uma vida de agitação, de muita gente. Esse final expressa uma mudança de ciclo (ou de ato) na vida do personagem Lula. Ao abandonar o homem que encontra a mídia pela primeira vez já como presidente eleito, o espectador (representado pela câmera) fica para trás e acompanha tudo a distância, pois o homem, o

indivíduo Lula, deixava de existir naquele instante para se tornar o representante maior do povo, que pela primeira vez, via um dos seus assumir o "trono".

Outro ponto notório no documentário é que Lula está mais preocupado em falar de suas histórias e provocar risos do que com a pauta política propriamente dita. Seus assessores parecem muito mais preocupados e inquietos do que ele. É possível perceber em diversos ângulos, quando Lula fala de suas experiências passadas ao invés de focar no treinamento do seu discurso. Em um determinado momento do documentário, presenciamos toda a equipe cansada, desgastada e preocupada com o que irá ser gravado sobre Lula enquanto o próprio Lula está cantando o hino da bandeira brasileira, não demonstrando aflição nenhuma. O único momento em que é possível perceber Lula tenso é antes dos resultados do primeiro e do segundo turno. No decorrer de todo o documentário, Lula se apresenta como uma pessoa carismática, bem humorada, provocando risos inclusive durante a coletiva de imprensa.

Lula se mostra um personagem muito interessante, independente de politicagem. O documentário desmistifica a imagem do operário rude, gerador de greves, batalhador dos direitos e melhorias dos trabalhadores – essas são apenas algumas facetas deste personagem, analisados sobre diferentes pontos de vista – ao mesmo tempo em que mostra a pessoa que representou o país como seu líder. Ao mostrar o homem, com seus gostos, qualidades e defeitos, o documentário consegue mostrar facetas até então desconhecidas da grande população.

Passados quase 10 anos, é interessante notar que várias das características apresentadas no documentário se tornaram públicas devido à exposição da figura do presidente. Lula não foi só o presidente mais popular, foi também o mais exposto, um aspecto do seu tempo, da massificação das mídias e da informação. Lula foi o presidente pop, por se igualar à população de modo geral. Em um país tão diversificado, ele conseguiu com sua voz grave e o uso da linguagem coloquial e de variantes linguísticas, ganhar a simpatia da maioria, muito por conta de sua competência comunicativa, mas muito também por suas falhas. Essa aproximação dele com o cidadão comum é a verdadeira força do então candidato a presidente.

4.5 A caracterização das noções e conceitos de discurso político de Charaudeau (2008) no Discurso de Lula

Conforme citado no subitem *Discurso Político*, a comunicação é feita por meio de sons, posturas corporais, olhares e etc. Lula se expressa também por meio desses componentes quando, por exemplo, ele se caracteriza pelo uso do macacão no passado. Apesar de ter mudado seu traje para adaptar-se ao que se espera de um candidato à presidência, ele, por inúmeras vezes, conta alguma história que mencione seu uso do macacão, como mostra a *cena 19*:

– “Sempre gostei de andar bem vestido. Sempre. É que pião não pode comprar muita roupa. Mas eu sempre achei bonito um cara de terno e gravata (SALLES, 2004)”.

O vídeo deixa a entender que Lula passa a dar relevância também às suas vestimentas que fazem parte da imagem que ele carrega a partir de agora. Não só o discurso, mas a forma de se vestir também é policiada pelo então candidato a presidente. Através do documentário, podemos perceber uma preocupação dele com o nó da gravata, com o terno, com a combinação das cores que veste. Isso mostra que ele percebe a influência do caráter e da corporalidade construídos na formação do *ethos* discursivo. A referência ao uso do macacão remete à vida de trabalhador do Brasil que é também de origem humilde.

O discurso de Lula se assemelha aos demais, por se tratar de um discurso político, mesmo que ele possua inúmeras possibilidades de interpretação. Ao discursar, Lula já tem seu discurso recortado de acordo com um discurso político de esquerda, o que o favoreceu naquele período devido ao fato de o Brasil estar atravessando um período no qual o povo brasileiro ansiava por mudanças, pois o partido que vinha permanecendo no poder era de direita e o povo já demonstrava insatisfação quanto à política daquela época.

Analisando o discurso de Lula, temos um novo modelo de discurso político. Além de fugir aos padrões dos demais discursos políticos por não ser estruturado na linguagem formal, ele se enquadra no discurso de seu partido, o

PT: um discurso de esquerda que propunha o reverso dos padrões políticos da época. É bastante esclarecedor o depoimento abaixo, no qual se insinuou a proposta de reversão referente ao vídeo *Entreatos*, na cena 20:

– “A tradição da esquerda era pegar a juventude intelectualizada e jogá-la pra dentro da fábrica... Era proletarizar o estudante. O PT é a primeira oportunidade da vida em que os operários é que saíram da fábrica pra dirigir a política. Não foi ao contrário. Não precisava o Partidão pegar o Graziano, tirar da Unicamp e meter na Volkswagen pra ser um líder. Não. Nós criamos nossas próprias lideranças. Com erros e com defeitos. Eu nem sabia o que era tático ou estratégico quando começamos a fundar o PT. Oh discussão maldita que a gente fazia! Eu quero é criar um partido. Quero lá saber se é tático ou estratégico? Seja o que vocês quiserem, pô, vamos criar um partido! (SALLES, 2004)”.

O vídeo permite compreender que Lula instaura um novo modelo político de proposta de um novo partido. Ele mostra desconhecer informações como tático e estratégico, mas mesmo assim criou um partido de esquerda. Diferente do que se tinha nos governos anteriores, Lula não traz consigo um discurso político pronto, fixo e igual aos demais políticos em geral. E essa característica peculiar do então candidato a presidente também foi alvo de críticas, pois Lula não faz seu discurso pautado num discurso já pronto, escrito. Ele improvisa e, muitas vezes, foge à linguagem padrão da língua. Através do seu discurso, Lula constrói suas verdades apresentando suas propostas de maneira particular, fugindo das expectativas de um discurso político.

O *decisor* (Charaudeau, 2008b) é aquele que apresenta um bem comum à sociedade.

Toda ação é finalizada em função de um objetivo e se estrutura em um espaço fechado irreversível, que faz com que o responsável o agente, seja um decisor que deve se dar os meios de atingir seus fins. Decisor que dizer que o agente não apenas elaborou um projeto no qual está inscrito o fim a atingir, mas que, além disso, tomou a decisão de engajar-se na concretização dessa ação pela qual ele é, a partir desse momento, totalmente responsável (Charaudeau, 2008b, p.17).

Lula o faz ao se colocar como um homem do povo que deseja governar para o povo. Ao se pôr nessa posição, ele transmite a imagem de um homem que quer dar à comunidade as possibilidades também desejadas por ele quando operário, pois ele se iguala à sociedade ao afirmar seu passado. É como se ele dissesse que ele sabe do que a comunidade precisa porque lá é a sua origem. Assim ele é eleito – como mostra o final do *Entreatos* –, pois consegue passar credibilidade de representante do povo e de político que dará concretude da melhor forma aos interesses comuns da sociedade.

Sua linguagem, verbal e não verbal, está diretamente ligada a sua ação política, desejada pela sociedade. É através de seu discurso político que Lula constrói seu espaço de discussão para a realização dos interesses das instâncias políticas, equilibrando o desejado pela sociedade e a concretização do que é realmente possível de ser realizado. E é através de seu discurso movedor de paixões que Lula consegue convencer, persuadir a instância cidadã a acreditar em suas futuras ações políticas.

Outro ponto importante abordado por Charaudeau (2008b) e que pode ser visto no discursar de Lula no documentário é o que o autor chama de valores:

Os valores correspondem às ideias que defendemos neste espaço de discussão. Pode-se supor, como faz Arendt, que o que está em jogo é: *como fazer* para satisfazer o desejo de viver em comunidade em um ideal que definiria os seres em suas relações de trocas (dar - receber) com o próximo, de forma que sejam estabelecidas situações de igualdade entre os indivíduos. Assim, ao termo dessas trocas seria determinado um conjunto de valores que desempenharia o papel de princípio de decisão e cujo domínio seria coletivo (op. cit, p.20).

Lula põe seus valores sempre em pauta – mesmo que por meio de verdades aparentes – igualando-os com os valores de uma população que tem como base a classe mais baixa. Dessa forma, ele consegue persuadir a instância cidadã de seu fazer político e construir, como de fato ocorreu posteriormente, o populismo que, mais tarde, foi apelidado de “lulismo”. Isso é comprovado no documentário com a atitude das pessoas ao vê-lo. Como aparece no início do filme, ao ir ao barbeiro, Lula recebe um bilhete da manicure e uma outra senhora que lá estava afirma não precisar mais votar, porém irá fazê-lo por acreditar e desejar que Lula vença o pleito. Também

percebe-se nas ruas, através do *Entreatos*, a euforia das pessoas ao ver Lula e até mesmo os repórteres e *paparazzi* que o seguem a todo instante.

O Discurso Político de Lula é relacionado ao seus efeitos psicológicos e sociais que a todo instante resgatam seu passado por intermédio dos discursos. É através de um novo perfil de discurso político que se espera um novo fazer político tão desejado naquele período pelas instâncias cidadãs.

Lula constrói seu discurso de forma diferente do que se espera na política. Seus discursos são espontâneos e com uma linguagem predominantemente coloquial. Fogem de qualquer padrão e expectativa de um discurso político. O que o caracteriza então como discurso político não é o discurso em si, mas a situação de comunicação que o torna político. A interação e a identidade de seu discurso definem sua situação como política.

De acordo com Charaudeau (2008b), é através da linguagem que Lula manifesta sua persuasão e seduz a instância cidadã. A tendência é que o discurso de Lula se valha da existência de um sujeito enunciador que está perpassado por uma ideologia por meio do uso das citações, das metáforas, das alusões, da pluralidade de vozes. Há sentidos a partir de um jogo polifônico, carnavalizado, de múltiplas intertextualidades. A multiplicidade de vozes presentes no discurso de Lula revela um sujeito socialmente constituído.

O então candidato a presidente serviu-se da polifonia para retratar a ideologia e as situações da realidade vivida. Seu discurso não pode ser compreendido, de acordo com o sentido provavelmente pretendido pelo autor, sem serem relacionados os fatores históricos e sociais, pois é a partir destes que se permite a construção de sentidos. Fica claro que a linguagem só faz sentido e só se realiza se inserida em um contexto sócio-histórico e cultural vivido pelo então candidato a presidente.

V CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do documentário em questão mostra a tentativa de Lula para se tornar o presidente do Brasil no ano de 2004. Na primeira tentativa, Lula não foi eleito por carregar fortemente a imagem de um candidato dos trabalhadores, esquerdista, defensor de uma classe social específica, e representante de reformas e de projetos socialistas. Como o próprio diz no documentário (“67% do povo tinha medo da minha imagem de grevista”), isso alimentou o *ethos* negativo e impediu sua vitória já no primeiro turno.

Já 2002, ano de gravação do documentário, a construção do *ethos* de Lula estava situada na pessoa do próprio candidato, na história de vida e de sucesso que ele conquistou e que o igualava a maior parte da população brasileira. Essa imagem que Lula carregava trouxe consigo a quebra na tradição de um governo que liderava o poder até as eleições de 2002.

Lula é uma resposta a uma tentativa de intelectuais de chegar ao poder. Ser simplesmente um intelectual não foi suficiente para vencer as eleições contra um político que não possuía ensino superior e que contrariava as expectativas de um candidato a presidência. Um presidente é um representante da sociedade frente à nação brasileira, às nações do mundo e frente ao povo com um todo e, por isso, se espera que essa autoridade seja um homem com protótipos bem definidos: uso da linguagem formal, ensino superior, uso de trajes formais para que sirva de exemplo e referência para a sociedade e represente o país no exterior de forma culta.

O fato de um candidato retirante nordestino de origem camponesa, que passou pelo chão da fábrica como operário industrial, candidato por um partido de esquerda, poder chegar à presidência de um importante país como o Brasil, manifestou na sociedade brasileira um forte sinal de mudança política no país. O discurso de Lula estava pautado em cima de sua imagem, na sua história, sobretudo, como um fiador positivo de sua campanha. Já outros políticos puderam ter o discurso pautado no chamado discurso neoliberal que já estava desgastado pela sociedade. Naquela campanha eleitoral, José Serra carregava como fiador de sua candidatura a imagem do até então presidente Fernando Henrique Cardoso, fiando de forma negativa as eleições de Serra em 2002 e dificultando sua candidatura, pois a população não se encontrava mais

satisfeita com sua política decorrente da forte crise econômica por que passava o país.

A imagem que Lula construiu de si, que ele chama para si, imagem corroborada pelo partido e principalmente pelos seus próprios pronunciamentos e pela mídia (como a revista *Veja*, citada anteriormente) é construída e mantida pelo discurso e pela sua presença física nos eventos televisivos, em suas aparições. É a corporalidade.

A campanha de Lula foi vitoriosa depois que se relacionou uma imagem de um brasileiro, nordestino, ex-operário, ex-sindicalista e candidato à presidência da república, com a construção de um *ethos* positivo, a um discurso movedor de paixões e que validaram o seu discurso.

O documentário no qual constituímos o *corpus* de análise exibe os bastidores de uma campanha singular na história política brasileira, pois pela primeira vez um presidente com a origem social de Lula, conseguiu chegar à presidência da república. Ele não aparece com um discurso “puro”, mas construído, um discurso que envolve paixões, desperta emoções para transmitir verdades, independentemente da veracidade. Entendemos que o então candidato a presidente é o fiador de seu discurso, quando acionamos o conceito de sujeito fiador do discurso.

Se comparar, as duas campanhas, a de Serra e a de Lula, a primeira seria pautada no chamado discurso neoliberal; já a segunda, em cima de uma imagem, sobretudo. Isso tem a ver com o *ethos* personificado pela constante rememoração de sua história.

O problema foi devidamente tratado, pois conseguimos identificar, diante do conjunto de argumentos lançados, que, Lula compõe uma imagem positiva frente ao eleitorado e ao espectador do documentário, isso se dá a partir dos seguintes expedientes:

a) restaura constantemente sua face positiva de ex-pobre que venceu com o seu trabalho. Para tanto, restaura sua história de retirante nordestino, que passou pelo chão da fábrica como operário, depois como sindicalista, candidato à presidência por um partido de esquerda, e chegou ao posto político máximo do Brasil, como uma consequência natural de esforços alinhados eticamente com o sagrado direito conferido pelo trabalho duro;

b) veicula a imagem positiva de que só um *ex-pobre* pode ajudar os *pobres*. A imagem positiva que Lula reafirma sobre a sua história como ex-metalúrgico, ex-sindicalista, sempre passou a impressão de que ele era uma pessoa do povo e ali estava na presidência para governar para o povo. O que Lula descreve é a cultura operária e ele não parece querer negar que essa cultura seja legítima. É dessa legitimidade que ele encena um quadro igualmente legítimo, que confere ao trabalhador um intervalo de liberdade;

c) Reconfigura sua imagem de político tradicional, a partir da imagem de um político de renovação, apostando na imagem impoluta de um partido ético e, convenientemente de esquerda. Este discurso foi mais operante nas campanhas anteriores, que não foram bem sucedidas. Assim, a estratégia atual personificou sua figura e suas conquistas pessoais, à maneira de um produto.

A hipótese se confirmou, como pudemos verificar na própria fala de Lula, numa clara afirmação de que o discurso político é o discurso de construção de um real circunstanciado pela fala, pelo contexto IDEAL, e não o real. A tendência é acreditar que a campanha de Lula foi vitoriosa depois que se relacionou uma imagem de um brasileiro, nordestino, ex-operário, ex-sindicalista e candidato a presidência da república, com a construção de um *ethos* positivo, a um discurso movedor de paixões e que validaram o seu discurso. Não foi seu discurso caracterizado que o levou a vitória, mas toda a carga semântica, cultural e mesmo política que configura a construção de sua imagem. O uso da linguagem em seu sentido amplo de concepção e relevância conduziram Lula a sua conquista.

Verificamos que a imagem construída através do discurso político analisado é a positiva, o que significa dizer que se omitiu qualquer imagem negativa que prejudicasse sua popularidade. Portanto, nem sempre o que o político diz corresponde à imagem que ele verdadeiramente tem. Assim como a imagem que se deseja passar nem sempre chega ao eleitorado como havia sido construída pelo político. Lula é o personagem protagonista que cria e recria a sua própria história e isso é o que faz dele o fiador de seu discurso.

Os sentidos de um discurso operam sem controle. Não é o discurso que é político, mas a situação de comunicação é que o torna político. Um discurso

pode ser aparentemente político, mas numa determinada situação seu sentido pode ser neutralizado.

A política é consolidada como um campo de batalha simbólica onde o discurso se constrói através de um discurso de poder, em busca da dominação e de acordos para um suposto bem comum. Isso não significa que essa seja a sua verdadeira imagem, mas sim a imagem que deseja transmitir. O enunciador omite sua face negativa para construir para o enunciatário uma imagem positiva que ele acredita ter ou quer ter. O enunciador prepara um discurso que acredita ser adequada à situação para o enunciatário.

Este documentário carrega consigo a importância de ter presenciado os bastidores de uma campanha singular na história política brasileira, pois pela primeira vez, um presidente com a origem social de Lula, conseguiu chegar à presidência da república. Apesar de o documentário mostrar a figura de Lula nos bastidores das eleições, a presença da câmera estimula Lula sendo observado e que, portanto, representa para a câmera. Isso significa que todo discurso é uma construção social, não individual e que só pode ser analisado considerando seu contexto histórico-social, suas condições de produção.

Esse trabalho foi muito importante, pois permitiu compreender que o presidente é o principal fiador de seu discurso, quando acionado o conceito de sujeito Enunciador e sujeito Comunicante, cruzado com o conceito de sujeito fiador do discurso. No discurso político, nem sempre a imagem que o político constrói corresponde à imagem que a massa constrói.

Lula mostrou no documentário o desejo de trazer para a sociedade o que ele sabia que faltava para as classes menos privilegiadas. Lula vem da base e não da academia e, justamente por isso, sabia qual era a carência do povo brasileiro.

VI REFERÊNCIAS

AMOSSY, R. Da noção retórica de ethos à Análise do Discurso. In: AMOSSY, R (Org.) **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005.

ARAÚJO, Inês Lacerda, 1950. **Do signo ao discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

ARISTÓTELES. **Arte Retórica e Arte Poética**. Tecnoprint, 1985.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**: São Paulo. Hucitec, 2004.

BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz. (Org.). **Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: em torno de Bakhtin**. São Paulo: Edusp, 1999.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. Campista, SP: Editora Unicamp, 2004.

BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística Geral**. 2ª ed. Campinas/SP: Pontes, 1988.

_____. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas/SP: Pontes, 1989.

BORGES NETO, José. **Filosofia da linguística**. São Paulo: Parábola, 2004.

CARVALHO, Castelar de. **Para compreender Saussure**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Uma teoria dos sujeitos da linguagem**. In: LARA, G. M. P; MACHADO, I. D; EMEDIATO, W. (org). *Análises do discurso hoje*, vol. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira , 2008a.

_____. **Discurso Político**. São Paulo: Contexto, 2008b.

_____. **Linguagem e Discurso**. São Paulo: Contexto, 2009.

CITELLI, Adilson. **Linguagem e Persuasão**. São Paulo: Ática, 2000.

CORRÊA, Manuel Luiz Gonçalves. **Linguística e Comunicação Social : visões da linguística moderna**. São Paulo: Parábola, 2002.

DATAFOLHA; On-line. Disponível em: <www.datafolha.com.br> Acesso em 27 de outubro de 2010.

- EPSTEIN, Isaac. **O signo**. São Paulo: Ática, 1985.
- FIORIN, J. Luiz. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 2000.
- FIORIN, José Luiz. **Elementos da Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2000.
- FLORES, Valdir do Nascimento. **Introdução à Linguística da Enunciação**. 1ª ed., São Paulo: Contexto, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1981.
- _____. **A arqueologia do saber**. 5.ed. São Paulo: Forense Univesitária, 1997.
- _____. **A ordem do discurso**. 4ª ed. São Paulo: Loyola, 1998.
- GLOBO.com. Disponível em:
<www.g1.globo.com/politica/noticia/2010/12/popularidade-de-lula-bate-recorde-e-chega-87-diz-ibope.html> Acesso em 03 de janeiro de 2012.
- KOCK, Ingedore V. **A inter-ação pela linguagem**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2001.
- LARA, G. M. P; MACHADO, I. D; EMEDIATO, W. (org). **Análises do discurso hoje**, vol. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- LEFÉBVE, Henri. **A linguagem e a Sociedade**. Lisboa: Ulisseia, 1966.
- LIMA, José Pinto de. **Pragmática Linguística**. Coleção O essencial sobre Língua Portuguesa. Lisboa: Editorial Caminho, 2007.
- LOBO, Tânia. **Variantes nacionais do português: sobre a questão da designação do português do Brasil**. In: Revista Internacional da Língua Portuguesa. Associação das Universidades de Língua Portuguesa, Dezembro 2004, p. 273.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2008a.
- _____. **Cenas da Enunciação**. São Paulo: Parábola, 2008b.
- _____. **Novas tendências em Análise do Discurso**. Campinas/SP: Pontes, 1997.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. Disponível em: <http://www.google.com.br/search?hl=ptBR&biw=1024&bih=592&q=G%C3%AAneros+textuais1%3A+defini%C3%A7%C3%A3o+e+funcionalidade+&aq=f&aqi=&aql=&oq=&gs_rfai=>>. Acessado em: 12/01/2012.

MARZIÈRE, Francine. **Análise do Discurso: História e Práticas**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2007.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, v.2. São Paulo: Cortez, 2001.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do Discurso In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**, v.3. São Paulo: Cortez, 2009.

O GLOBO; On-line. Agências internacionais. Rio de Janeiro, 10 março 2010. Disponível em: < <http://oglobo.globo.com/mundo/mat/2010/03/10/comparacao-de-dissidentes-cubanos-bandidos-gera-criticas-da-oab-lula-polemica-no-pt-916027644.asp> >. Acesso em: 17 maio 2010.

OLIVEIRA, Josane Moreira de. **O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança**. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2006.

ORLANDI, Eni Pucinelli. **Análise de Discurso: princípios e fundamentos**. 3.ed. Campinas/SP: Pontes, 2001.

_____. **A língua brasileira**. In: *Revista de Ciências & Cultura: temas e tendências*. SBPC, nº 2, ano 57, abr., maio, junho 2005. p. 29-30.

PECHÊUX, Michel; FICHANT, Michel. **Sobre a história das ciências**. Lisboa: Estampa, 1971.

_____. **Semântica e discurso: uma crítica a afirmação do óbvio**. 3.ed. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1997a.

_____. **O Discurso: estrutura ou acontecimento**. 2.ed. Campinas/SP: Pontes, 1997b.

PENAFRIA, Manuela. **O filme documentário – história, identidade, tecnologia**. Lisboa: Editora Cosmos, 1999.

PINTO, Milton José. **Comunicação e discurso: introdução à análise de discursos**. 2ª edição. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

POSSENTI, S. **Enunciação, autoria e estilo**. Revista FAEEBA, Salvador, v. 10, n. 15, p. 15-21, 2001. Disponível em < http://www.moodle.ufba.br/file.php/10312/autoria_UNICAMP.pdf#page=15 > Acesso em: 16 de janeiro de 2012.

_____. **Os limites do discurso: ensaios sobre discurso e sujeito**. São Paulo: Parábola, 2009.

PRETI, Dino. **Sociolinguística: os níveis da fala**. São Paulo: Edusp, 2003. p.11-45.

REVISTA VEJA. **O ano em que Lula não queria ver terminar**. São Paulo, 29 dez. 2010.

ROBERTO, Paulo. **Texto Injuntivo X Texto Prescritivo**. Disponível em:<<http://www.meionorte.com/pauloroberto/texto-injuntivo-x-texto-prescritivo-76455.html>>. Acessado em: 12/01/2012.

SALLES, João Moreira. **Entreatos**. [Filme-vídeo]. Produção executiva de Mauricio Andrade Ramos, direção de produção de Raquel Freire. Brasil, 117 min., 2004.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Paródia, Paráfrase & Cia**. São Paulo: Ática, 1985.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 30ª Edição. São Paulo: Cultrix, 2002.

Xavier, A. C.; Cortez S. (orgs). **Conversa com Linguistas**. São Paulo: Parábola, 2003.

WEEDWOOD, Bárbara. **História Concisa da Linguística**. São Paulo: Parábola, 2002.

VII – Anexos

7.1 Ficha técnica do documentário em questão

- Título original: Entreatos;
- Gênero: Documentário;
- Duração: 117 min.;
- Lançamento (Brasil): 2004;
- Ano de Lançamento (Brasil): 2004;
- Distribuição: Lumière;
- Direção: João Moreira Salles;
- Produção executiva: Mauricio Andrade Ramos;
- Direção de produção: Raquel Freire Zangrandi;
- Co-produção: Videofilmes;
- Direção de fotografia: Walter Carvalho, ABC;
- Som direto: Aloysio Compasso e Heron Alencar;
- Pré-edição: Alexandre Saggese;
- Edição final: Felipe Lacerda;
- Finalização de imagem: Flávio Nunes;
- Edição de som e mixagem: Denilson Campos;
- Coordenação de lançamento: Alexandra Maia;
- Assessoria de imprensa: Anna Luiza Muller, Margarida Oliveira e Carol Moraes;
- Pressbook: Carlos Alberto Mattos;
- Elenco: Luís Inácio Lula da Silva; Marisa Lula da Silva; Duda Mendonça, José Alencar, José Dirceu, Walter Carvalho, Antônio Palocci.

7.2 Descrição das cenas

Trecho do filme	Tempo	Descrição da cena
CENA 1	51 minutos e 03 segundos	O candidato a presidência Lula, conversa informalmente em seu camarim com dois de seus aliados políticos e com o publicitário Duda Mendonça. (2º turno)
CENA 2	08 minutos e 10 segundos	Lula discursa em uma pequena e abarrotada sala para um grupo de metalúrgicos. (1º Turno)
CENA 3	01 hora, 26 minutos e 44 segundos	Lula conversa com o documentarista João Moreira Salles, sua câmera e equipe no jato particular da campanha. Um depoimento em tom casual. (2º turno)
CENA 4	25min e 27 segundos	Lula conversa com José Alencar e Palocci no jato da campanha. (1º turno)
CENA 5	1 hora, 20 minutos e 21 segundos	Lula conversa em tom informal com o documentarista e sua equipe. A câmera surge focada na figura do candidato que conversa como em uma roda de amigos. (2º turno)
CENA 6	50 minutos e 14 segundos	O candidato a presidência Lula, conversa informalmente em seu camarim com dois de seus aliados políticos e com o publicitário Duda

		Mendonça. (2º turno)
CENA 7	39 minutos e 13 segundos	Lula prova diferentes gravatas junto com sua figurinista em um camarim improvisado. Ao redor estão sua esposa e membros de sua equipe. (1º Turno)
CENA 8	01 hora, 13 minutos e 56 segundos	José Grazino da Silva, assessor de Lula, conversa com o candidato e a equipe no jato da campanha. (2º turno)
CENA 9	01 hora 28 minutos e 43 segundos	Lula conversa com seu assessor e com a equipe do documentário no jato da campanha. (2º turno)
CENA 10	01 hora, 11 minutos e 16 segundos	Lula conversa com seu assessor e com a equipe do documentário no jato da campanha. A câmera aqui age como a figura de um espectador que observa o debate. (2º turno)
CENA 11	49 minutos e 47 segundos	O publicitário Duda Mendonça conversa com Lula sobre sua votação no primeiro turno, conversa esta, que ocorre no camarim do candidato. (2º turno)
CENA 12	48 minutos e 10 segundos	Legenda informativa ,surge na tela com os dados do primeiro turno das eleições presidenciais daquele ano. (2º turno)
CENA 13	06 minutos e 55 segundos	O candidato Lula conversa em um estúdio ao celular com um membro

		de sua equipe. Ao fundo homens preparam o ambiente para a gravação que irá ocorrer. (1º Turno)
CENA 14	20 minutos e 45 segundos	Lula conversa com a cúpula de sua campanha, conversa esta que ocorre em uma das salas vip do aeroporto de Congonhas. (1º Turno)
CENA 15	30 minutos e 30 segundos	Jovem vendedor que perdeu seu vôo para Porto Alegre, conversa com a equipe do documentário dentro do jato da campanha. (1º Turno)
CENA 16	01 hora, 8 minutos e 38 segundos	Lula conversa com o publicitário Duda Mendonça e membros de sua equipe em um estúdio, enquanto tudo é preparado para a gravação de mais um programa para a campanha eleitoral. (2º turno)
CENA 17	1 hora, 25 minutos e 56 segundos	Lula conversa com seu assessor e com a equipe do documentário no jato da campanha. (2º turno)
CENA 18	1 hora, 24 minutos e 58 segundos	Lula conversa com seu assessor e com a equipe do documentário no jato da campanha. (2º turno)
CENA 19	38 minutos e 36 segundos	Lula conversa em um camarim improvisado com sua esposa e sua figurinista. Eles estão fazendo provas de gravata.

		(1º Turno)
CENA 20	1 hora, 15 minutos e 01 segundo	Lula conversa com seu assessor e com a equipe do documentário no jato da campanha. (2º turno)